

# REPÚBLICA DOS COQUEIROS

HISTÓRIAS E ESTÓRIAS  
DO PASSO FUNDO



**ARGEU SANTARÉM**

CAPA: Otelo Ribeiro  
ARTE FINAL: Italo Aguiar  
FOTO: Tamagnone  
COMPOSIÇÃO: João I. Erig

# Prefácio

---

Para momentos como estes que estamos vegetando, o causo já é uma necessidade. Coisa de primeira necessidade, aliás. Você fecha os olhos e se depara com um famoso chichê, muito nosso, muito deste Rio Grande. Vem do folclore, da tradição, o visual de homens reunidos ao redor de um fogo de chão, palheiro aceso, mãos esfregando fumo, cuia de mão em mão, fazendo relatos sobre coisas do dia, de ontem e de anos passados.

Ali sentados, como que recobram as forças, se descobrem como gente, se aproximam como seres humanos, refrescam a memória e não deixam o passado morrer. Vivem sem precisar dessas maquininhas de fazer doidos. O visual não lembra das mulheres, onde se reuniam, mas não vem ao caso agora.

Terapia de grupo? Não sei, coisa pra psicólogo ou psiquiatra explicar. Tem gente competente aqui, mais velha como o Zauza, o Hecktheuer, ou mais nova, como a Olinda, Jacqueline, Christiani, Salton, para explicar. Na hora dos causos, esta que é a verdade, aqueles homens se bastam. Há quem diga que são assim por não terem muito futuro. Pode ser, mas naquela hora...

Elocubrações à parte, é indispensável se reconhecer que o causo faz bem. Mais ainda agora, quando nos damos conta que 1984 não era ficção e até parece que nos roubaram a esperança. Acho que é algo como uma forma de

vingança. Os homens lá de cima, que ficam no plano alto pensam que estamos esfarrapados, sem saída, e aí nos reunimos, olho no olho, alma na alma, pele na pele, e contamos causos e mais causos.

Em tudo isso pensamos quando o Argeu Santarém revelou que iria contar uns causos de Passo Fundo e de passo-fundenses.

De pronto hipotecamos todo nosso incentivo, nossa colaboração. Ainda afirmamos: vai fundo compadre, enquanto restar um galpão, um naco de fumo, erva-mate, água quente, cuia, bomba, chaleira, fogo de chão e uma roda é sinal que há futuro, embora as aparências e apesar de tentarem nos roubar o presente.

Não se entrega nunca quem conta um caso, uma história. E é o que o Santarém está fazendo agora, quando compra a parada de escrever sobre muitas coisas deste Passo Fundo. Nós temos certeza que, com a veia que possui, os conhecimentos alcançados através de sua lida jornalística, estes serão apenas os primeiros. Mesmo porque, no mínimo Marau não poderá ficar no esquecimento e nós abrimos mão, desde já, sobre Sarandi.

Ah! Em tempo: a roda pode ser de canha na Mesa Um do próprio Oásis.

Ivaldino Tasca

# Aos Leitores

---

Seria incoerência entender este nosso trabalho como obra literária ou circunspecto apanhado histórico.

Embora datas, fatos e nomes coincidam esparsamente com a realidade, tratamos de buscar neles histórias e estórias já incorporadas ao folclore da cidade.

Passagens pitorescas que criaram nossa antologia popular.

Nomes verdadeiros, fictícios e até mesmo omitidos, desfilam nestas páginas, sem a mínima intenção de denegrir imagens mas, antes disso, garantir-lhes o merecido lugar no registro do nosso anedotário.

São duendes mexeriqueiros que transitam afoitos por entre troncos e bancos, contando os diz-que-disse de ontem, prevendo os de hoje e apostando nos de amanhã.

É ali, naquela exígua área que forma o canteiro da Av. Gen. Netto, na praça central de Passo Fundo, que está encravada a menor e mais insólita república do mundo: a República dos Coqueiros.

Aquecidos pelo solação de janeiro ou açoitados pelo minuano de agosto, seus símbolos e estandartes tremulam nas longas folhas dos velhos coqueiros, olhos e ouvidos de muitas gerações.

É onde o cotidiano se desmancha ironizando glórias e potentados, criando lendas e mitos, absolvendo ou condenando, estranho Parlamento sem Mandatos, curioso Tribunal sem Magistrados.

Esta irreverência a faz alegre e buliçosa.

Passo Fundo, outono de 1984.

O Autor



# Sumário

---

Divisor de Águas .....	09
A Guerra dos Cinquenta Anos .....	11
Impasse .....	15
Exageros no Fórum .....	17
As Idéias e os Metais .....	21
A Emboscada .....	25
A Comissão da Vaca .....	27
O Furto das Chaves .....	31
Os dois Celsos .....	33
Tiros no Maracanã .....	35
O Diabo no Capingui .....	39
Quem dá, não dá mais .....	41
O Crime do Mascate .....	43
Testemunha da História .....	45
O Legítimo Epicopã .....	47
A Prova do Crime .....	49
O Guru Bicheiro .....	51
O Certo e o Justo .....	53
O Chato .....	55
O Inconveniente da Mira .....	57
Minha Carabina .....	59
Claustrofobia .....	61
Amilcar .....	63
Melhoraste da Gripe? .....	65
Diagnóstico .....	67
Olha a Federal .....	69
Os Panos de Prato .....	71
Esta tu não me Aplica .....	73
Não é o Comercial .....	75
O Latedo .....	77
Um tal Guilhermino Porongos .....	79
O Sapo .....	81
Mesa Um .....	83
O Santo Fardado .....	85
Andou no Povo é?!	87
O Santo Casamenteiro .....	89
Ondas Médias .....	91
O dia em que Passo Fundo se Rebelou .....	93



# Divisor de Águas

---

A geografia física nunca foi o forte dos coqueirenses acostumados a profundas discussões políticas, históricas ou filosóficas, quando não a simples comentários do corriqueiro.

Uma tarde, entretanto, com o céu do Boqueirão fechando e prometendo chuva, alguém apresentou sua tese, uma das mais aceitas até hoje, sobre o porquê de tanta dicotomia em tudo o que se fez ou se faz numa cidade como Passo Fundo. E o fundamento geográfico foi avassalador:

— Aqui — diz convicto o autor — sobre estes canteiros, está o mais importante *Divortius Acquarum* deste país. Um divisor de águas perfeito. As chuvas que caíram do cordão para oeste, para o lado da Catedral, descerão sargetas, córregos, riachos e rios até desaguarem no Atlântico pela bacia hidrográfica do Jacuí. Se caírem para leste deste canteiro de quatro metros, para o lado da praça, correrão milhares de quilômetros, Passo Fundo e Uruguai abaixo, até o Prata para alcançar o mar. As águas de oeste verão Porto Alegre orgulhosa de seu rio e as de leste deslizarão esnobes entre Buenos Aires e Montevideo. Unidos os cursos, estes caudais formariam um dos maiores rios do mundo — exagerou o filósofo crioulo.

Geografia a parte, a lenda já conta de um índio missioneiro que perambulou por estes campos conduzindo uma imagem de São Miguel. A igreja que abrigaria o santo, só poderia ser construída num local onde perdurasse a paz,

longe das paixões guerreiras e dos choques pelo Poder. Envelhecido, o índio da lenda pensou haver encontrado em Passo Fundo o éden procurado. Ledo engano. Quando se deu conta, às vésperas da morte, conseguiu fugir até a vizinha povoação que leva o nome santo, hoje praticamente um bairro da cidade. O caminhante da paz morreu de velho. A estátua ficou lá e Passo Fundo, não tomou jeito.

E a primeira briga de vulto teria ocorrido ainda ao tempo dos dois primeiros brancos que aqui chegaram para ficar. Joaquim Fagundes dos Reis, tido como fundador do povoado, requereu em 1834 a instalação de uma capela, a de Nossa Senhora Aparecida, hoje catedral, no mesmo local. No ano seguinte, Manoel José das Neves, que por aqui estava desde 1827 doou meia légua quadrada para a nova capela. E a rivalidade que se manifestava na busca de prestígio junto à Igreja, seria muito mais contundente nos anos da Revolução de 35. Neves foi legalista e Fagundes dos Reis rebelde. O farroupilha chegou a ser preso e enviado ao Rio, permaneceu preso vários anos da ilha de Villegaignon.

Depois vieram os tempos de republicanos e federalistas, maragatos e chimangos, que durante meio século disputaram o poder palmo a palmo: Gervásio Annes e Araújo Vergueiro de um lado, Prestes Guimarães e Arthur Caetano do outro, do fim do século passado até o término da República Velha em 1930.

O divisor de águas é uma constante.

# A Guerra dos Cinquenta Anos

---

Ninguém melhor que Túlio Fontoura e Múcio de Castro, personificou, nos últimos cinquenta anos, os pólos contrastantes na luta pelo mando político, social, econômico e cultural desta terra.

Seus jornais, o Diário da Manhã e O Nacional formaram e informaram a opinião pública durante muitas décadas, garantindo à cidade neste período a condição sui generis de ser a única do interior gaúcho com dois jornais diários há mais de 40 anos.

Dizem que no passado até foram amigos. Na realidade eram, no fundo, personalidades semelhantes. Múcio e Túlio tinham no prenome as mesmas vogais e acento agudo sobre o mesmo "u". Tinham atrás de si a mesma espécie de influência e influenciavam na mesma comunidade. Tratavam-se com ora desdém, ora com chacotas, mas nos momentos de crise demonstravam um ódio mortal, muito mais acirrado pelo eterno cordão de puxa-sacos que os cercava.

Levaram esta adversidade com dignidade quase doentia até o túmulo. Eram dois caudilhos que tratavam de aponchar os seus amigos e companheiros, nem que lhes custasse muitos dissabores. Ambos morreram decentemente, sem fortunas acumuladas e sem que lhes fosse imputada uma pecha verossímil de desonestidade.

No inverno de 1981, Múcio descia a sepultura do Cemitério da Vila Vera Cruz. Chamei a atenção do Tarso, seu filho mais velho:

— Veja ali. Aquela gaveta quase na frente.

Era a urna funerária do Túlio falecido dois anos antes. Nem depois de mortos eles se deram as costas. Continuavam frente a frente, quase cara a cara.

O interesse dos dois jornais levaria fatalmente à participação política de ambos. Findo o Estado Novo, já com uma flagrante rivalidade, O Nacional apoia a campanha de Armando Annes, egresso da UDN e apoiado pelo PTB. Túlio fica com Dionísio Lângaro, do seu PSD. Às vésperas da eleição, as lideranças pró-Annes se reúnem na redação de O Nacional e observam a campanha perdida, pois no distrito de Marau, sólido e intocável baluarte do PSD, Dionísio Lângaro tiraria fácil a diferença que perderia na cidade. Mandaram chamar Eduardo Barreiro, líder do então promissor Partido Comunista Brasileiro em Passo Fundo e descobrem a saída mágica: os comunistas deveriam divulgar apoio ao candidato do PSD para impedir uma vitória avassaladora em Marau, onde os padres mandavam.

Barreiro concordou e Múcio fez publicar uma edição falsa de O Nacional que, horas antes da eleição circulou em Marau apavorando padres e pessedistas. A diferença, como o previsto, foi mínima mas Armando Annes ganhou.

## **A GUERRA DOS CINQUENTA ANOS — II**

As campanhas políticas foram marcadas permanentemente pela presença dos dois jornalistas e dos dois jornais. Múcio ganhou com Mário Menegaz e perdeu para Túlio com Cesar Santos. Túlio ganhou mais uma com Edu Azambuja mas em pouco tempo rompeu com ele que passou a ter o apoio de O Nacional. Com O Nacional também, mais

recentemente, a vitória do atual prefeito Carrion enquanto o Diário da Manhã o critica sistematicamente. Tudo isso solidifica a tese das bacias hidrográficas.

Túlio Fontoura nunca foi um purista, embora conservador. Pelos anos 69, um delegado resolveu empreender um blitz na Zona do Meretrício prendendo todo mundo que lá fosse encontrado. Quem pernoitasse nos bordéis era arrancado da cama e trazido até a delegacia da rua Quinze, a pé, escoltado por brigadianos a cavalo e nas viaturas. Era um sarro ver gente de boa família passando avenida a fora, desde a xangri-lá, muitas vezes diante da casa da noiva ou coisa que o valha. As reclamações eram muitas. Um dia o Túlio me chamou à redação para que tomasse conta do caso, mas antes me contou:

— Olha, teve um delegado em Marcelino Ramos, no tempo em que Marcelino era uma cidade muito movimentada por causa do trem, que resolveu fechar todas as casas de prostituição. Fez horrores com aquelas pobres mulheres. Belo dia descobriu a própria mulher trepando com o telegrafista, um dos muitos solteiros da cidade.

Provando a necessidade ético-social do meretrício, mandou lascar a lenha no delegado.

### A GUERRA DOS CINQUENTA ANOS — III

Quando uma autoridade nova chegava a Passo Fundo, cumprindo a praxe, visitava os dois jornais. Seus diretores não tinham constrangimento algum em colocar, de cedo, inimizade existente:

— Pois é, dizia o Túlio, tem aí também o "boletim" referindo-se a O Nacional.

Ao que o Múcio fuzilava:

— O Senhor deve saber que anda por aí também o “diarréia”, para citar o Diário.

Túlio dizia que jornal que não tem editorial é boletim e não jornal, Múcio, obviamente, aproveitava a semelhança do termo para dar seu conceito sobre o jornal adversário.

Ocasões houveram, como por exemplo no episódio retomada do prédio da Fundação Pró-Universidade de Passo Fundo no carnaval de 1966, que os dois jornais despejaram acusações e ofensas a ponto de causar sérias preocupações. A briga entre os grupos rivais acabou provocando tumultos e confusões em todos os salões dos clubes da cidade. Eles, na realidade, não eram só porta-vozes destes grupos como também seus principais líderes.

Múcio foi candidato a deputado estadual duas vezes, pelo PTB e pelo MDB, chegando a assumir pelos trabalhistas. Túlio, foi candidato a deputado pelo PSD e foi Diretor da Imprensa Oficial do governo Menegheti. O falecimento de ambos, no passar da última década, encerrou um ciclo importante da vida política e social de Passo Fundo.

Casos de zona do meretrício sempre conseguiram boa audiência nos Coqueiros.

Conta-se que um cidadão, que de há muito andava às turras com a esposa, criou o pouco fiel hábito de tomar homéricos porres na Casa da Olívia, respeitável empresária noturna da zona do 14 de Julho. Tornou-se frequentador assíduo do bordel onde a farra se prolongava até altas horas da madrugada. Adorado pelas ilustres senhoras do cabaret, pagava regamente rodadas e rodadas de cerveja e muitas vezes adormecia ali mesmo. No fim do expediente, as madares tomavam o cuidado de acordá-lo para que fosse embora. Noites e noites a história se repetia.

Numa dessas, excepcionalmente, ele resolveu ir pra casa mais cedo, isto é, um pouco mais cedo. Embriagado e cheirando a perfume de china, não foi lá muito bem recebido pela esposa que se trancou no quarto deixando-o na sala. Irritado, nosso herói resolveu exagerar na dose, tomou mais algumas gelatinhas até adormecer e deixou as garrafas sobre a mesinha de centro. Despertou já pela manhã com os gritos da mulher que abria as persianas para acordá-lo.

— Levanta seu vagabundo! Não vê que já são dez horas?!

Ainda zonzo do porre, viu aquele mundo de garrafas em sua frente e confundiu as coisas.

— O quê?! Dez horas. Me vê a conta, viu... Tenho que ir pra casa que minha mulher é uma baita jararaca!



# Exageros no Forum

---

Na República Velha, até a Revolução de 30, quase todos os delitos iam a julgamento popular. Pelo ano de 1929, um Júri singular transformou a cidade num mar de expectativa. A fina flor da sociedade de Passo Fundo estaria no banco dos réus, acusada de haver cometido o supremo delito de sedução, com defloramento de uma menor. Ele era um jovem da tradicional família escudado numa mística fama de garanhão.

Torcia-se chauvenisticamente pelo macho, mancebo ameaçado até em sua liberdade pelo simples fato de se dobrar ao encanto frívolo de uma *percanta*, eis que a *moçuela* era tida e havida como contumaz freqüentadora de alcovas desde os tempos recém-passados da puberdade.

Retórica e méritos a parte, a data do julgamento foi marcada para uma tarde de um dezembro quente, excepcionalmente quente.

Chapéus de Coco, bengalas, fraques e sapatos bico-fino, lá se foi a burguesia assitir ao Júri, misturando perfume francês ao odor azedo dos malbanhados.

A Diretoria do novel Grupo Estadual criado pela administração do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Dornelles Vargas, mais duas assessoras, a presidenta da Liga Sul-Riograndense das Mães Solteiras, entidade de efêmera duração e a esposa do advogado assistente de acusa-

ção, afora duas ou três que a imprensa da época não registrou, foram as poucas mulheres que conseguiram entrar no recinto. Unia-as o indeclinável dever de presenciar o julgamento embora suas sérias fisionomias escondessem a doida vontade de conhecer os detalhes do "crime" num tempo em que não existiam revistas, filmes ou desenhos pornográficos. No fundo mesmo sabiam que dólo havia, mas dos dois.

Nem os machistas que saíram do Café Paris para o Forum, na Av. Brasil, prédio da antiga Câmara de Vereadores, nem as finas senhoras que ousaram conhecer de perto os detalhes do "pecado", imaginariam tão escandaloso epílogo.

Havia no ritual, dispositivo que o juiz Homero Martins Baptista fazia cumprir com espartana disciplina: o Oficial de Justiça devia ler, antecedendo o julgamento, item por item palavra por palavra, todo o processo. Mas as lentes grossas que o serventuário da justiça Napoleão Bonaparte de Lima Costa usava, não conseguiram vencer o emaranhado de letras, frases e números do volumoso dossiê. Depois de exaustiva leitura diante do carrancudo Corpo de Jurados, seu Napoleão, já nervoso, passou aos detalhes do laudo médico que confirmava o desvirginamento. A expectativa era enorme, superando o ofegante calor que curtia a todos.

— As bordas vaginais — leu ele — apresentam sinais recentes de fricção, mostrando-se laceradas. Hímen rompido.

Mas adiante, o laudo especificava que o clitóris estava avermelhado e media aproximadamente três centímetros. Ele se atrapalhou:

— ... O clitóris avermelhado, pedindo, digo senhores, medindo aproximadamente trinta centímetros...

Foi uma zoeira na sala.

— Silêncio! Silêncio! — exigiu o Dr. Baptista — Queira o senhor Oficial de Justiça ler com cuidado o que está escrito no laudo e não alterar os números.

Mais nervoso, seu Napoleão contra-atacou:

— ...O clitóris avermelhado, medindo aproximadamente três metros...

— Está suspensa a sessão! — vociferou o magistrado, enquanto batia na mesa e a sala irrompia numa gargalhada só.



# As Idéias e os Metais

---

Os maragatos ou libertadores, mantêm até hoje um incrível orgulho de sua origem política sob diversas alegações. Uma delas é de que muitos dos seus morreram nas revoluções de 93 e 23 em defesa de seu lenço encarnado e do barrete frígio sobre a inscrição “Idéias não são metais que se fundem”, lapidar assertiva de Gaspar Silveira Martins.

Do início da década de 50, desconhecedores das alterações políticas que criaram o PTB, o PSD, a UDN e outros partidos menores, no interior do Marau as coisas continuavam iguais: maragatos de lenço vermelho, contra o governo, e chimangos, de lenço branco, a favor. Isso, principalmente no lendário Tope, campo no leste do município, povoado de gado gordo e de homens valentes.

Certa manhã ensolarada de outubro, de volta da escola, passei pelo boteco dos Posser. Afinal, uma rapadura a mais o pai nem iria notar na caderneta de compras. Encostei-me nas tulhas que os colonos enchiam de feijão, milho ou erva-mate em troca de sal, açúcar ou algumas peças de brim riscado. No outro lado, à direita da porta de entrada, com atenta assistência, corria o truco, dando pra ver que as coisas não estavam lá muito amistosas.

Sempre me disseram:

— Cuidado com esta gente do Tope!

Realmente, aqueles cavalos bem aperados, atados

diante do boteco, lindos alásokes, zainos e tordilhos, só podiam pertencer à gente do Tope.

Reconheci Melhoranęa, peão dos Bernardi, um maragato fanático e gritão, com seu lenęo vermelho, bombacha clara, casaco e colete de listas verticais. Bem na sua frente, de bigodes densos, com lenęo branco de chimango sobre a pilcha toda preta, um tal Barbosa, comissário do Tope. As suíęas desciam alargando-se até as mandíbulas.

Nunca se souve o porquê, mas as cartas foram subitamente jogadas sobre a mesa e, enquanto os demais parceitos se arredavam tropeęando em bancos e garrafas, o homem de preto sacou do coldre um revólver enorme que não acabava nunca de sair. Sem dizer palavra, disparou à queima-roupa no Melhoranęa que caiu de costas com cadeira e tudo.

— Mataram o Melhoranęa! Mataram o Melhoranęa! — gritou todo mundo.

Na confusão, o pistoleiro e os seus montaram rapidamente e sumiram na poeira da estrada do Tope.

Passado um instante, para surpresa geral, Melhoranęa também se levantou.

— Me mataram! Me mataram! — berrou espalhafatosamente, enquanto corria para o hospital que ficava bem diante do boteco.

Sangrando abundantemente sobre o coração, foi levado para a única sala de cirurgia que existia no Marau. Momentos depois, mais uma surpresa para as dezenas de curiosos que apinhavam o corredor: O dr. Wolmir Foresti, outro maragato de cepa, saiu da sala mostrando um metal amassado.

— Está salvo e o que o salvou foi isto!

Era um distintivo do Partido Libertador. Melho-

rança nunca o tirava do colete. O barrete frígio desaparecera e mal se lia a frase imortal de Silveira Martins: "Idéias não são metais que se fundem."

O maragato, além do grande susto, fraturou uma costela e teve a mama esquerda dilacerada pelo impacto do tiro.



# A Emboscada

---

À figura pitoresca do Doutor Celso da Cunha Fiori, ligou-se um verdadeiro anedotário popular que, histórias ou estórias, entrou para o folclore da cidade.

Há muitos anos atrás, já então famoso criminalista, respeitado em todo o estado, foi chamado a defender um réu acusado de homicídio. A vítima morrera de emboscada num capão que separava duas roças. A coisa não ia ser fácil, mesmo para o valoroso cavaleiro das leis, dos sofismas e dos silogismos. Certamente, o réu não fugiria ao terrível artigo 121 do Código Penal que no item IV do § 2.º qualifica o homicídio de emboscada e traição, estabelecendo penas de doze a trinta anos de reclusão.

De onde saiu a idéia ninguém pôde afirmar até hoje mas, na verdade, dias após, quando as diligências legais chegaram ao local do crime, não encontraram uma árvore sequer que identificasse o tal capão. Havia, isto sim, uma roça de milho ainda ralo onde nem anão poderia se esconder para uma emboscada.

Uma coisa é certa: aqueles camponeses nada entendiam de Lei, muito menos da diferença entre um homicídio simples e um qualificado.



# A Comissão da Vaca

---

Durante muitos anos o Dr. Celso da Cunha Fiori foi Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo. Ele dirigia aquela casa de ensino superior no fatídico 1968, quando o AI-5 foi imposto à Nação.

O ano havia começado como certas manhãs carregadas que prenunciavam tempestades. Em março, 28, o estudante secundarista Edson Luiz de Lima Souto, 18 anos, foi assassinado diante do Restaurante do Calabouço no Rio de Janeiro, durante manifestação pacífica. Os protestos explodiram no país inteiro.

O quarto aniversário do golpe, em março, surpreende o frágil governo Costa e Silva com manifestações em São Paulo. Mais dois mortos. Na véspera, cem mil pessoas haviam levado o corpo de Edson Luiz ao cemitério São João Baptista no Rio. O quadro se agravaria em junho, 21, na "Sexta-feira Sangrenta", com mais mortes.

Passo Fundo não ficaria ausente ao movimento de protesto que tomava conta do país. Desde o início do ano, a maioria dos Diretores Acadêmicos, a partir do DA Sto. Agostinho da então Faculdade de Filosofia, rompia com o Diretório Estadual de Estudantes, órgão capacho criado pelo governo, para substituir a UEE, União Estadual de Estudantes, esta filiada à clandestina UNE. No DA João Carlos Machado da Faculdade de Direito, Ivaldino Tasca ganhou as eleições levantando a bandeira da proscriota entidade nacional. Renasceu o movimento universitário com Vrana Panizzi na

Filosofia, Miguel Rocha e Elvaristo Amaral na Economia, Gilberto "Gigi" Borges na Agronomia e João Borges na Odonto, entre outras lideranças.

O calor universitário se espalhou sobre a União Passo-Fundense de Estudantes, a secundarista UPE, com Solon Viola e Bonna Garcia. O movimento estudantil viveu meses de indiscreta eufória revolucionária.

Na área universitária, colocavam-se reivindicações básicas junto ao conselho da UPF como o aumento exagerado das anuidades o desleixo dos professores, o clima antidemocrático no ensino superior, e uma série de protestos políticos contra as verbas minguadas e o famigerado acordo MEC-USAID.

Longe, a bem da verdade, de uma mentalidade McCarthista, o diretor da Faculdade de Direito, sutil e mineiramente, manobrava entre seus alunos e os adversários do Conselho da Universidade que não o engoliam. Já estava entretanto no index do arbítrio.

A Reitoria Administrativa fechou-se ao diálogo e as negociações foram suspensas. A proposta foi a greve.

Sem querer perder a estima dos estudantes nem entregar a própria cabeça, Fiori ficou entre a cruz e a espada.

E não precisava fazer muito esforço para ser atingido. É que perambulava pela cidade o anticomunismo hidrófobo do então comandante da Guarnição Federal, major Grey Belles, que nos idos de 64 fez a burguesia local sorver, sorrindo, largos goles de chá de alfafa numa cerimônia que nem Incitatus, o cavalo de Calígula, teve: a inauguração de uma estátua do conhecido semovente.

Diante deste quadro, a greve era assustadora.

Rápido e astuto, Fiori arregimentou um grupo de

quintanistas (último ano) da Faculdade de Direito, alertando-os do perigo:

— Se sai a greve agora, vocês não levam o diploma no fim do ano. Em contrapartida, malograda a greve, têm uma vaca gorda à disposição no meu sítio, na estrada do Marau.

Formou-se assim a "Comissão da Vaca".

Não deu outra. No dia da Assembléia que votaria a greve, o pau comeu. Os quintanistas entraram com tambores, latas e clarins. Não saiu a Assembléia nem a greve. Nomes por demais conhecidos como Jabs Paim Bandeira, José Mário de Lima Cruz, Magnus Guimarães (depois ferrenho deputado de Oposição) e outros, lideraram a histórica comissão.

Fiori ficou à testa da Faculdade de Direito por mais um ano, quando, já sob a sombra do AI-5, nem mesmo os liberais foram poupados.



# O Furto das Chaves

---

Pelo fim da década de 40, existiam os chamados Juízes Municipais que funcionavam na instrução do processo.

O reverendo metodista Pedro Pinheiro ocupava o cargo em Passo Fundo. Fiori defendia um sujeito acusado de haver arrombado um carro e furtado um jogo de ferramentas. Marcada a audiência para hora tal, lá estavam Juiz, Escrivão, Vítima, Testemunhas, Réu e Advogados. Sobre a mesa do magistrado o jogo de ferramentas. Vem aquela história:

— O senhor fulano de tal está sendo acusado de furto qualificado, artigo 165, § 5.º, coisa e lousa...

Fiori mal dissimulava um sorriso irônico.

Depõem as testemunhas que, como a vítima, reconhecem no material sobre a escrivaninha do juiz, o jogo de chaves furtado.

Fiori pede para interrogar as testemunhas.

— O senhor tem certeza de que estas são as chaves roubadas do carro da vítima?

Todos respondem afirmativamente. Fiori insiste com a própria vítima. Confirma também. Dirige-se então ao juiz exibindo nota de compra, de uma casa de ferragens local:

— Meritissimo! O jogo de chaves que está sobre a sua mesa me pertence. Aqui está a nota de compra. Peço a absolvição do réu.

Terminou a audiência com o reverendo Pinheiro fumegando de raiva.

## Os dois Celsos

---

O professor e criminalista Celso Antonio Busato era acadêmico da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica, PUC, de Porto Alegre quando, já dotado de hábil oratória mercê ótimo aprendizado, foi convidado pelo seu homônimo, Celso da Cunha Fiori, para estrear no Júri.

Lá se foram os dois Celsos para a vizinha Marau, onde, comarca recém-instalada, realizava-se o primeiro Júri. Um homicídio passional que abalara o novo município, tal a importância das famílias envolvidas.

O salão antigo do Clube Liberdade borbulhava de gente. Na rua, curiosos se comprimiam tentando ouvir os advogados famosos e os detalhes do crime. Fiori e Busato defenderiam o réu.

Busato iniciou sua alocução saudando o Juiz, a Promotoria, os advogados de acusação, o Corpo de Jurados e a população de Marau. Buscando palavras de efeito e orgulhoso de estar ao lado do mestre, seu ídolo, o jovem acadêmico dirigiu a Fiori o melhor do intróito:

— Quando eu era menino ainda, já corria por estas bandas a fama do imbatível causidico Celso da Cunha Fiori. Meu pai, cujo maior orgulho era ver um filho seu advogado, deu-me na pia batismal o nome de Celso, em sua homenagem, caro mestre!

Mais alguns elogios e chegou a vez do velho raposão, misto de precaução e argúcia.

— Nas eras priscas da antigüidade quando o invencível general Aníbal deixava com suas hostes a sua Cartago, para a conquista de Roma, uma mulher do Povo dele se aproximou dizendo-lhe: “Senhor, vai consigo um filho meu que em sua homenagem se chama Aníbal”, ao que Aníbal respondeu — arrematou Fiori — “Pois que seja bom soldado, do contrário, troque-lhe o nome.”

Não se sabe se o soldado Aníbal acabou general mas o Busato continua sendo Celso.

# Tiros no Maracanã

---

O delegado Antonio Braga tinha um jeito pachorrento de homem do interior. Uma espécie de policial já extinta. Gozava de ótimo conceito em Passo Fundo e fazia questão de resolver os impasses surgidos na base do diálogo. Tudo, menos processos, principalmente aqueles que envolvessem gente importante da cidade.

Do alto do edifício que levou seu nome na Moron, Fiori não aqüentava mais o barulhão que o novo equipamento de som do Restaurante Maracanã, a poucos metros dali, provocava todas as noites.

Freqüentado pela melhor família de Passo Fundo, o Maracanã vivia seus últimos tempos de glória.

Segundo seu proprietário, o velho Venhoffen, restaurante interiorano que apresentava Chico Alves, Vicente Celestino ou Ângela Maria ao vivo, não podia baixar o nível.

Além de um moderníssimo equipamento de som, o maestro Jacques, um francês que nasceu de novo chegando em Passo Fundo com sua inseparável professora Mercedes Simon, eram os destaques daquele verão. O piano e o violino entretanto, estavam agora amplificados demais.

Boêmios incorrigíveis, jovens estudantes que passavam as férias na terra, filhas de boas famílias ou cronistas sociais, acotovelavam-se, mesa a mesa, enquanto o gringo Italo ou o gordo Trancoso de Brito, o Brochado serviam

copos de chopes cada vez com menos colarinho. O fim-de-semana era o de sempre, o de todo o verão. A diferença era o som de muitos watts a mais que o Wenhoffen comprara. Duas enormes caixas adquiridas na capital, infernizavam a noite de todo o centro e explodiam exatamente contra a janela do doutor Fiori.

Outro detalhe importante é que, bem em frente, no prédio que até hoje existe na esquina da Moron com a Cel. Chicuta, estava a Casa Canônica do todo-poderoso D. Claudio Colling, Bispo Diocesano. No fundo, tanto Fiori quanto o Bispo bem que gostavam daquelas valsas dolentes que, ao piano ou ao violino, os faziam recordar bons tempos passados. O diabo era aquela mania da Mercedes de teclar *rock and roll* ou então o detestável *twist* que o Ratinho estourava na bateria com uma descomunal amplificação.

Fiori não aquëntava mais e a estas alturas já era dono de uma remington 22, arma de grande precisão, presente de um amigo.

Uma madrugada, dizem os habitués da época, encostou-se no parapeito da área de serviço, no último andar do edifício e disparou várias vezes contra as duas caixas de som do Wenhoffen, acabando com o som e dispersando a clientela.

No outro dia a confusão estava armada. O delegado Braga, com sua bombacha, recebeu o criminalista na DP da escada alta, na Av. Brasil.

— Doutor — disse ele constrangido — todo mundo lhe conhece em Passo Fundo. Ninguém duvida de sua integridade, mas há uma queixa contra o senhor que a polícia não pode desconhecer. O senhor está sendo acusado de disparar arma de fogo contra a propriedade de seu vizinho, arriscando vidas de pessoas que se encontravam no Restaurante Maracanã, ontem à noite...

— Ah! — interrompeu Fiori — é sobre o que

aconteceu esta noite?

— Isso mesmo doutor. Os tiros contra o Restaurante Maracanã.

— Braga, entendo tua preocupação pois é minha também. Ouvi os tiros e soube do tumulto que eles causaram. Acontece que não fui eu. Para auxiliar teu trabalho, para auxiliar a Polícia, posso prestar informações...

— Mas doutor — desafogou aliviado o delegado — conte então o que aconteceu...

— Eu vi — gritou Fiori, gesticulando bem ao seu modo — foi o Bispo, D. Cláudio! Do outro lado da rua. Eu vi.

Quando o Wenhoffen chegou à DP, de tarde, para saber como andavam as investigações, foi aconselhado pelo delegado:

— Esquece! Acho que foi o Bispo.



# O Diabo no Capingui

---

Os camponeses, notadamente os mais velhos, guardam temidas superstições a respeito do canal que separa as barrancas principais do rio Capingui, barragem do mesmo nome. É que ali morreu muita gente afogada. Dizem que a profundidade das águas chama a morte e que o lugar é amaldiçoado.

Num sábado de janeiro, a notícia chegou rapidamente ao acampamento do Clube Náutico, perto dali.

— Salvou-se um — por sinal o que estava gambá mas morreram dois homens e uma criança.

Tentaram atravessar o canal num caíque velho. A embarcação afundou e apenas um conseguiu chegar às margens, auxiliado por pescadores.

Foram horas de buscas incessantes. Os corpos não surgiam. Nas duas noites de verão que se seguiram, foi impressionante o luzir de velas e lampeões nas barrancas. Dos dois lados, os camponeses velavam seus mortos. Sabiam que eles voltariam, pois o que a água leva, a água traz.

Celso Escortegagna, conhecido pela alcunha de Diabo, provavelmente por atitude menos conveniente em criança, era nosso assessor na Câmara Municipal de Vereadores. Uma espécie de faz-tudo na bancada.

Após longa procura dos corpos, na segunda-feira de manhã, dois dias após o afogamento, reunimos os familiares, pois tínhamos que ir à cidade. Muitos deles não nos conheciam. Tentando explicar-lhes que nossa assessoria, sob a responsabilidade do Escortegagna, resolveria eventuais problemas em caso de desencontro, falamos na maior tranquilidade do mundo:

— Vocês não precisam se preocupar, pois tão logo surjam os corpos, o pessoal os transportará para a cidade, tratará das necrópsias e dos sepultamentos. O Diabo está aguardando os corpos lá.

Ora, imaginem o que significou isso para aquela gente pacata e cheia de crendices. Foi com muita dificuldade que um amigo, conhecido do Escortegagna, conseguiu explicar que não estávamos gozando com os familiares das vítimas, nem iríamos entregar os corpos a Sanatás.

## Quem dá, Não dá mais

---

Entre os jogadores de baralho com pedigree existe uma porção de regras éticas, qual tratados expressos e documentados em cartório. Negá-los é perder a confiabilidade na roda. O convívio das madrugadas os faz solidários e respeitadores.

A Lei da Carpeta é feita pelo consenso dos parceiros que por horas a fio são absorvidos pelo excitante vício.

Uma coisa que um parceiro não pode fazer é deixar a roda depois de estar ganhando um bom dinheiro, sem antes dar mais uma chance aos companheiros. Quando a noitada se prolonga e alguém quer se retirar, surge a famosa frase "Quem dá, não dá mais". O mão, o que distribui as cartas, o faz pela última vez antes de terminar o jogo, possibilitando mais um giro completo na roda.

Gregório Melgarejo, um dos mais distintos membros da República dos Coqueiros residia em Tapejara lá pelos anos 50. Era ele o responsável pelo jogo no Clube Comercial daquela cidade. Era também o que mais exigia retidão no comportamento dos companheiros de carpeta, dando seu exemplo sempre que possível. Tinha um verdadeiro fascínio pelas cartas o que não o abalava nunca, mesmo que a sorte não sorrisse. De voz grave e porte avantajado, cabeça reluzente de uma simpática calvície, irradiava constante tranquilidade.

Numa noite, a roda bem formada se prendia num pife-pafe pesado. Aos gritos, um garoto invadiu a sala apavorado:

— Seu Melgarejo! Seu Melgarejo! Sua casa está pegando fogo!

Naquela sua calma habitual, impassível, cumpriu a Lei da Carpeta:

— Então, quem dá, não dá mais...

# O Crime do Mascate

---

Pela República dos Coqueiros não passam somente contos cômicos. Fatos pitorescos e outros, até muito sérios, foram transmitidos de geração em geração. Dizemos mais antigos que, ao tempo do Estado Novo, um comissário de polícia chamado Galdino de Oliveira Paz, conhecido por Capitão Galdino, era o responsável pela Lei no então distrito de Marau. Ele, por sinal, residia no Taquari, hoje Sede Independência. Homem de poucas palavras, taciturno até, era muito respeitado, honesto e cumpridor. O que mais impressionava nele — entretanto — era uma aguçada inteligência.

Lá pelas bandas do Tope, confins do município, houve um crime de grande repercussão. Mataram de emboscada um turco mascate muito relacionado na região.

— Logo no Tope chê! Matar de briga, a bala ou faca acontecia toda a semana, mas de emboscada pra roubar?! Terra buena. Bandido tinha bastante mas ladrão não!

Pra desvendar o crime só tinha uma saída: Chamem o Galdino! E o nosso Scherlock Holmes caboclo carregou as mochilas num burro ruano, encilhou o baio, desceu a estrada no Mata-Fome, cruzou o Jacuí pelo Passo Velho e pernouteou no Três Passos. Lá, já esperavam o Capitão com um churrasco na casa dos Barbosa. Contaram-lhe os pormenores do ocorrido.

De manhã, quando Galdino chegou ao local do crime, a redondeza toda estava lá para assistir de perto às

*delegências* do policial.

— Primeiro lugar, tava certo que mataram pra roubar, pois a guaiaca desapareceu com o dinheiro que o mascate arrecadara nas fazendas da região. Segundo lugar, que foi emboscada, isso foi! O corpo foi encontrado com um tiro de comblain, dois dedos abaixo do ombro esquerdo numa picada aberta por mateiros e peões de gado.

Galdino demorou para perguntar. Olhava a picada que descia até o riacho e que subia de novo em direção ao campo. Prestava atenção num angico de tronco enorme e na relva que o cercava, até que, por fim, acendeu o segundo palheiro.

— Quem é aqui nestas bandas que tem um cavalo tordilho, metro e sessenta no lombo, inteiro (bagual) e que come de estrebaria?

A indiada se entreolhou. Houve um certo silêncio até que alguém respondeu:

— Só o compadre Aguirre...

— Pois foi quem matou o turco. Vou prender ele.

Mais tarde explicou com calma:

— Tinha pêlo tordilho no angico, na altura de metro e meio; calculei mais uns centímetros. O chão tava todo pisoteado e só cavalo inteiro é tão inquieto e, além do mais, era bosta de estrebaria que tava no chão.

O feito do Capitão Galdino cruzou o tempo.

# Testemunha da História

---

José Flávio de Freitas Caetano foi um dos expoentes do radiojornalismo de Passo Fundo em sua época. Dado às ávidas noites de boemia, Flávio entendia de tudo porque vivia o tudo e o pouco daquelas madrugadas. Como tal, deliciava os ouvintes da então ZYF-5, com antológicas passagens.

Naquele tempo, uma frase de efeito era divulgada nacionalmente nas emissoras para garantir a idoneidade da fonte:

— A reportagem, testemunha ocular da história...

Em meio ao texto das principais notícias, Heron Domingues, da Rádio Nacional do Rio, ou Lauro Hagmann, da Rádio Farroupilha de Porto Alegre, usavam o famoso chavão.

Como tantos companheiros da sua geração, Flávio Caetano criou-se ouvindo os dois ídolos titulares do Repórter Esso, noticiário de maior sintonia no país inteiro.

Rebuscando nos termos, adjetivava colossalmente qualquer substantivo e explodia surpresas em qualquer narrativa.

Uma manhã, mal fugira a madrugada nos lados do Boqueirão, Freitas Caetano apareceu na emissora, altos do Ed. Planalto, com o ar professoral de sempre, anunciando um furo para o Repórter Gaúcha-FNM, espécie de Repórter Esso regional, cujo titular era o competente Telmo Camargo.

Havia na Rádio Passo Fundo um microfone enorme, o Surdão, herança de Maurício Sirotsky e de Gildo Flores, que só captava o som a poucos centímetros de distância.

O rosto mal dormido do boêmio dizia quase tudo. Só não se sabia da história que iria contar. Pois naquela madrugada, um crime violento ocorrera na conhecida Vila Xangri-Lá, meretrício pouco recomendável à tradicional família passo-fundense. Um cara fora assassinado a facadas e o corpo jogado à porta de um bordel, sobre uma poça de sangue.

A trepidante característica do Repórter Gaúcha-FNM em edição extraordinária interrompeu bruscamente a programação musical para o Caetano anunciar:

— E atenção! Dantesca cena de sangue se protagonizou pela hora e meia desta cálida madrugada na cognominada Zona da Xangri-Lá, periférica vila citadina...

É claro que, a esta altura, todos no estúdio começaram a rir abafando ruídos, pois o intrépido repórter confirmava de onde vinha. Feita uma breve pausa para a respiração, ele acrescentou enfático:

— A reportagem, testemunha ocular da história...

Não fosse o Surdão, a cidade toda teria ouvido a gargalhada que ecoou no estúdio.

# O Legítimo Epicopã

---

Caetano tinha por hábito, vasculhar dicionários em busca de termos difíceis, clássicos ou em desuso e os utilizava mesmo sem possibilidade de lhes dar sentido na frase.

Inaugurou-se o novo prédio do Grupo Escolar Eulina Braga, até hoje junto ao Centro Administrativo Municipal, ao tempo em que o prefeito era Mario Menegaz. Meados da década de 60. O acontecimento coroava longa campanha de um conhecido líder comunitário, pequeno industrial que comandou a luta reivindicatória das vilas Annes e Petrópolis. Seu entusiasmo e excesso de zelo, entretanto, tornaram-no inconveniente nas redações de rádio e de jornal, onde, diariamente, pedia longas matérias, fazia apelos a autoridades, divulgava abaixo-assinados e exigia constantes atenções, azucrinando o trabalho dos jornalistas.

Na hora da inauguração, presentes estavam “os mais lídimos representantes da comunidade passo-fundense” segundo jargão jornalístico da época: o prefeito; o juiz diretor do foro, Dr. Eurípides Fachini; o Bispo D. Claudio Colling; o delegado regional de polícia, Athaulpa de Freitas Marques; comandantes militares; presidentes de clubes de serviços e tudo mais.

Flávio foi destacado pelo presidente vitalício do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de PF. Manoel Rodrigues Cordeiro para falar em nome da Imprensa. Hélio Gonçalves Dias, de saudosa memória, João Roman Vieda, Paulo

Roberto Pires, Josué Duarte, Meirelles Duarte, entre outros, atentos e preocupados, concentraram-se para ouvir o imprevisível colega. Depois de diversas considerações e saudações de ardorosos elogios, chegou ao fecho do discurso referindo-se ao chato:

— ... É portanto, com a mais subida honra que nosso Sindicato transmite seus mais louváveis respeitos a este incontestado líder comunitário, preclaro e ínclito capitão-de-indústria, cidadão de incomedido desprendimento, o mais legítimo e lidimo *epicopã* desta urbe...

Aplausos e cumprimentos sucederam à oratória do jornalista, inclusive de parte do "homenageado".

Não passaria, é claro, despercebido, o estranho termo *epicopã*, usado pelo orador, pelo menos de parte de seus colegas que o ouviram atentamente. O fim-de-semana foi de indagações e consultas. Gonçalves Dias, Roman Vieda, doutos da língua pátria, vasculharam alfarrábios, mas em dicionário algum encontraram a palavra usada. Edeth Cafruni, respeitado jornalista e escritor foi consultado e, nada. Professores de português foram importunados no seu descanso dominical e, nada. Só havia uma saída. Exigir do Flávio Caetano uma explicação.

— Afinal — indagou o Gonçalves Dias na roda de uísque da segunda-feira — o que significa o tal *epicopã* que usaste no discurso do sábado?

— *Epicopã?* Ora meus caros confrades — diz Caetano, soltando uma sonora e comiserada gargalhada — **Epicopã** é o último lançamento em xarope do Laboratório Catarinense...

Dias depois, quando o produto chegou ao mercado, todo o chato passou a ser chamado de *epicopã*.

# A Prova do Crime

---

Pelos joviais anos de 68 ou 69, um amigo muito respeitado na turma dividia seu tempo de lazer entre gostosos chopos no velho Maracanã e não raras investidas à Zona do Meretrício. Foi numa dessas que deu preferência à respeitável casa da Glória na chamada zona do 14 de Julho.

Com mais umas geladas a casa fechou ficando só a turma lá dentro. O pudor foi diminuindo enquanto aumentava o calor, e a farra virou baile-de-cola-atada. Todo mundo nu.

Deu-se mal o galego. Caiu sobre cascos de cervejas que dominavam um canto da sala. Fez um belo corte nas nádegas.

Mais que depressa os companheiros o levaram para o Pronto Socorro onde foi atendido. Chegou em casa com um álibi: caíra sobre uns espetos num churrasco em que estivera. Tomaram o cuidado de lhe rasgar as calças.

Consolidado pela esposa, deitado na cama, já pela manhã, ele entra em pânico quando a sogra, a quem ele chamava de jara-aranha-geira (mistura de cobra jararaca com aranha caranguegeira), aparece na porta do quarto com as cuecas que havia encontrado no banheiro:

— Como é que é? Corta a bunda e não rasga as cuecas ?!



## O Guru Bicheiro

---

Naquelas manhãs de inverno a República dos Coqueiros era uma verdadeira Academia. Mal subia a neblina mostrando o contorno dos edifícios mais próximos, os bancos dos canteiros eram tomados. Entre o Café Elite e o Oásis, até o centro da Gen. Netto, o pessoal procurava os primeiros raios de sol da manhã.

Pelas dez horas, as últimas gotas de orvalho corriam mansinhas pelas folhas dos coqueiros e, pluft, caíam geladas sobre cabeças inadvertidamente descobertas.

Precavido em tudo, quase vidente, Pedro Grunewalt, o Alemãozinho, sabia até o exato momento em que isto aconteceria. Um elegante chapéu de feltro cinza cobria-lhe sempre os já escassos cabelos castanho-claros. Tinha um olhar seco e penetrante dizendo mais que as palavras cuidadosamente pronunciadas. Não era de Passo Fundo mas passo-fundense se tornou. Era um desportista e um gentleman. Diretor de Futebol, técnico, massagista, presidente, só não foi jogador do GER 14 de Julho, clube que adorava e que sustentou durante muitos anos.

Dir-se-ia que sua estatura mediano-baixa era insuficiente para conter o grande coração que lhe compassava o peito. Distribuir donativos, avais, vales ou gorjetas, era quase um hobby de Pedro Grunewalt.

Sagaz e rapidamente desconcertava com pergun-

tas ou respostas à queima-roupa. Além deste perfil, por si só muito interessante, seu Pedrinho, como também era chamado, tinha outro predicado importante: foi o primeiro bicheiro assumido de Passo Fundo, isso no auge da repressão policial ao ilícito penal.

— Sou bicheiro, e daí? Meu negócio sustenta mais famílias que a Brahma — dizia ele, lembrando a indústria com maior número de empregados do município. E continuava:

— Além disso é mais honesto e seguro que as loterias do governo. Se você compra um bilhete da Loteria Federal, dá seu número na cabeça mas você perde o bilhete, recebe? Não recebe não. Se você acerta na minha loteria e perde a primeira via eu tenho a segunda e o arrecadador tem outra. Pago o prêmio.

# O Certo e o Justo

---

Retilíneo e franco, o Alemãozinho ganhou a estima de todos que o conheceram, uma espécie de guru dos Coqueiros. Disso se aproveitava para pilheriar com raro tirocínio certos arroubos de inteligência ou de valentia.

Não gostava de política. Pelo menos de discutir política. Às vezes, o papo sob o sol de inverno girava em torno dos acontecimentos que no Rio, Brasília ou Porto Alegre, tomavam proporções preocupantes com expurgos, prisões, protestos, cassações e tudo mais que caracterizou a triste noite de pós-golpe.

Dois jovens, acadêmicos de direito, discutiam duelando metáforas e buscando apoio filosófico para suas teses.

— Não é justo, nem é certo! — dizia um.

— Pois para mim pode até ser injusto, mas é acertado num instante de mutação revolucionária, — contestava o outro, defendendo os golpistas de 64.

Montesquieu daqui, Marat de lá, que o Alemãozinho se irritou:

— Olha gurizada, vocês sabem mesmo qual é a diferença do certo e do justo? Não sabem, né? Pois eu conto, prestem atenção: Certo é trepar pela frente mas não é justo, e justo é trepar por trás, mas não é certo!



Grunewalt detestava chatos. Uma manhã gelada, quando a cerração ainda ofuscava a copa dos coqueiros, tomava seu café no Oásis quando, em mangas de camisa, chegou um cidadão por demais conhecido por sua extrema chatisse, um enjoado. Como ninguém lhe desse charla, olhou desafiante aqueles homens agasalhados com grossos casacos e ponchos, mantas e chapéus.

— Mas o que é isso pessoal? Pra que tanta roupa? Eu nem sinto esse friozinho aí. E querem saber de uma coisa? Tenho mais de 50 anos e nunca peguei uma gripe até hoje.

Grunewalt tomou de vez o que restava do cafezinho num gesto rápido.

— Mas desde quando gripe dá em xarope?



# Ô Inconveniente da Mira

---

Um conhecido comerciante da praça, irreverente, fanfarrão e por vezes escandaloso exhibia acintosamente um belo revólver Smith & Wesson, calibre 38, cano longo, que levava atravessado à cintura.

— Em trinta metros apago vela com este pau-de-fogo. Comigo é assim: depois que os chineses inventaram a pólvora é tudo comigo. Tiro dado e jacu deitado.

Demonstrando acreditar nas proezas, o Alemãozinho deu ares de incentivo ao Tom Mix tupiniquim.

— Pois eu acho que deves até tirar a mira deste teu revólver...

— Mas é claro seu Pedrinho — concordou ele — eu atiro até mesmo sem mira...

— Não, não é por isso, — sentenciou Grunewalt — é que, bagunceiro como andas, inda vão te tomar este revólver, enfiá-lo no rabo e aí tu vais ver o que dói na saída!



# Minha Carabina

---

Dona Setembrina Natividade Duarte era uma mulher de personalidade forte. Esposa do coronel Gomercindo Duarte, comandante do 3.º Regimento da Cavalaria da BM em Passo Fundo, D. Bina, assim a chamavam, não só mandava em casa como no regimento. Praças e oficiais que mal se portassem eram advertidos severamente pela esposa do coronel.

Insatisfeita com a benevolência do comandante, organizava por conta e risco patrulhas que vasculhavam os bordéis da rua 15 à cata de militares que lá se encontrassem. Em certa ocasião, soube que o próprio coronel dançava um tango figurado na Maroca. Se ela mesma comandava a patrulha até hoje ninguém esclareceu, mas o certo é que a cidade inteira comentou a fuga apressada do coronel e de quase todo seu Estado Maior pela escada que dava acesso ao porão do cabaret.

O coronel Gomercindo, calmo e tranqüilo, não se aborrecia. Até ria da impetuosidade da esposa. E não que tivesse medo. O tenente Gomercindo Duarte, anos antes, com o Gen. Miguel Costa, artifice da conspiração de 30 em nossa região, realizou a primeira ação estratégica da revolução. Eles tomaram a ponte ferroviária em Marcelino Ramos, garantindo o caminho das tropas revolucionárias que levariam Getúlio Vargas ao Poder.

Corre o ano de 1932. Estoura a Revolução Constitucionalista em São Paulo. As tropas do 3.º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar sobem novamente, agora sob o

comando de Gomercindo Duarte, desta vez para sufocar uma rebelião.

Passam-se os meses. Os rebeldes sitiados opõem tenaz resistência. A guerra fratricida desgasta a Nação e seu Povo.

Dona Bina Duarte, apreensiva, cuida dos filhos e do regimento em Passo Fundo. O coronel Gomercindo pensa na família e sente saudade. Lembra o gênio belicoso da companheira e lhe escreve ironizando a violência do front: “MINHA CARABINA!”

# Claustrofobia

---

Em outubro de 1968 mais de mil estudantes brasileiros foram presos no interior do município de Ibiúna, lugarejo a 90 quilômetros de São Paulo. Era o congresso clandestino da União Nacional de Estudantes, UNE.

Estávamos com Ivaldino Tasca, Alceu Machado, Gilberto Borges e Vera Estrásulas representando o DCE e os DAs da UPF.

Depois de cercados pela Polícia Militar do governador Abreu Sodré com um aparato ridículo, fomos obrigados a caminhar durante muito tempo sob a mira de metralhadoras. Depois fomos jogados em caminhões da Força Pública que desfilaram pela Avenida Paulista e Vale do Anhangabau expondo-nos como animais capturados, embora a população nos aplaudisse gritando vivas à UNE.

Acabamos, sempre sob a mira de centenas de armas, no abjeto Presídio Tiradentes, uma casa de correção para presos comuns, hoje demolido, cuja lotação já estava completamente esgotada.

Amontoaram aquela pobre gente e nos cederam seus aposentos no andar superior. Fizeram o mesmo com as moças na ala feminina do presídio.

As primeiras horas foram de grande apreensão. Falava-se claramente que deporiam Costa e Silva, que uma Junta Militar assumiria o governo, o que acabou realmente acontecendo, e coisas assim. Além do mais, nosso anfitrião, Diretor do DOPS de São Paulo, era simplesmente o delegado Sergio Fleury, acusado de diversos assassinatos nos meses que se seguiram e que, também morreu misteriosamente, no que

se suspeita ter sido uma operação de queima-de-arquivo dos órgãos de segurança.

Logo, porém, pequenos aparelhos de rádio foram contrabandeados para o interior das celas onde nos encontrávamos em vinte ou trinta, num espaço que não permitia dez. Já tínhamos contatos com o mundo exterior. Além disso, os presos comuns nos andares de baixo simpatizaram conosco. Começaram a chegar jornais. Já existiam matérias desmentindo as informações que a ditadura alardeava. Não éramos guerrilheiros. Até os guardas entenderam que não estavam tratando com delinqüentes e sim com futuros médicos, professores, arquitetos, advogados ou jornalistas.

O ambiente da prisão foi se descontraindo e cada vez mais surgiam protestos de grupos de mães e populares, colegas e liberais diante do presídio.

O Tasca resolveu então fazer uma brincadeira com um guarda gordinho, um dos poucos que nos tratava mal. Disse-lhe que precisava sair para o corredor pois sofria de claustrofobia.

Ora, como iria ele entender de fobia de clausura. Chamou o sargento que também ficou devendo. Chegou o tenente, fez um ar de entendido mas mandou chamar o capitão-médico do presídio. O Tasca foi autorizado e desfilou por aquele enorme corredor gozando os companheiros que estavam nas celas. Foi o que bastou para o Atanasio Orth, aquela figura maravilhosa que o destino nos levou anos depois. Brincalhão e mordaz, deu o primeiro grito:

— Dedo-duro!

A turma toda chegou na grade repetindo.

— Dedo-duro! Dedo-duro!

Lá se foi a claustrofobia do Tasca. Pediu pra voltar à cela imediatamente.

Escrever sobre Passo Fundo sem citar Amílcar de Mello Rostro seria piada muito maior do que todas as que ele aprontou.

O Amílcar era fenomenal. Passou uma vida toda brincando com todos e consigo mesmo. Tinha o privilégio de ser autor, ator e narrador de suas peças. E as narrava rindo, com sua voz gutural.

Desportista que marcou época, dedicou sua vida inteira ao futebol e — dizia ele — sentiu-se realizado quando viu seu querido Sport Club Gaúcho na Divisão Especial do futebol do Rio Grande do Sul. Amílcar foi durante muitos anos presidente da então poderosa Liga Passo-Fundense de Futebol. Sua Casa Farroupilha, agência lotérica da rua Moron, era sede da liga e filial dos Coqueiros.

Seu relacionamento com a cúpula da Federação Gaúcha de Futebol ao tempo de Aneron Correia de Oliveira, Pedro Sirângelo e Mareu Ferreira garantiu um *lobby* importantíssimo ao futebol da terra.

Amílcar era um homem extremamente espirituoso. Ele inventava piadas de si mesmo e forçava os amigos a rir delas. As que criou ou as que foram criadas sobre ele, entraram para o nosso folclore.

## AMÍLCAR II

Estávamos em Porto Alegre no início de uma tarde de dezembro de 1967, dia de Gaúcho × São José. O tempo ameaçava chuva e os dois times disputariam a vaga para a finalíssima da divisão de Ascenso, a grande chance do futebol passo-fundense de chegar à Divisão Especial do Rio Grande. O presidente do Gaúcho Aniello D'Arienzo, do São José, Humberto Ruga, Mareu Ferreira e mais alguns cartolas, estavam preocupados com o tempo e com a renda da partida. Amílcar não perdia uma e lá estava acompanhando os dirigentes alvi-verdes. Recordou que em Passo Fundo, quando o lado do Bairro Boqueirão nublava de chumbo e o vento de lá soprava é porque vinha chuva. Chamou o Mareu, então vice-presidente da FRGF, Ruga, D'Arienzo e os demais para dar sua opinião:

— Olha aqui, viu... Me digam onde é o Boqueirão de vocês que eu digo se chove ou não, viu!

## AMILCAR III

Houve um tempo em que o Amílcar se tornou inseparável companheiro do não menos folclórico médico Paulo Azambuja, cardiologista respeitado nacionalmente. Num velho aero-willys quatro portas, constantemente batido por descuidadas manobras, Amílcar e Paulinho saíram certa noite.

Depois de apinhar trinta e duas bolachas de chope na Cantina do Gageiro a dupla resolveu mudar de ares. Deixou a cantina mas retornou instantes depois preocupando a todos.

— Arrombaram o auto, viu... — disse o Amílcar — e os PMs ali do outro lado da rua não viram, viu...

— É verdade — confirmou o Dr. Paulo — e levaram tudo: o rádio, o velocímetro, o volante, tudo.

Seu Mário Gageiro, sempre muito atencioso, chamou os PMs que estavam a poucos metros daí, diante do colégio Protásio Alves. Quando uma dupla chegou ele explicou que o carro dos clientes, quase nas barbas dos policiais, havia sido arrombado. Os PMs foram vistoriar o automóvel e voltaram em seguida.

— Deve ter havido um engano — falou um deles educadamente — pois o carro está normal. Rádio, volante, tudo normal. Até esta bolsa estava sobre o banco.

— Porra! — diz o Amílcar identificando a sacola — vai ver doutor Paulo, que a gente entrou no banco traseiro, viu!

#### AMILCAR IV

Uma noite o Amílcar entrou no mesmo Gageiro com os cabelos completamente desalinhados. Estava com a roupa suja de barro e havia descido de um táxi bem diante da cantina. O pessoal da primeira mesa estranhou.

— Ué Amílcar, o que é que houve. E o carro?

— Olha aqui, viu... Aquele buraco que tem ali na Lima Figueredo, viu... Caí ali, viu!

— Mas Amílcar — diz-lhe um dos parceiros — todo mundo vê aquele buraco de longe...

— Mas vinha o trem, viu... E não baixou a luz, viu!

## AMILCAR V

O Amílcar ia com o Luiz Carlos Mader, o Vete, ex-jogador do Gaúcho, fanático como o Rostro, assistir a uma partida do time em Carazinho. De capela em capela, eles aumentavam não só o amor pelo clube como também a graduação etílica e, por conseqüência, a velocidade do automóvel. Foi então que uma vaca surgiu no caminho. Sem diminuir a marcha que passava dos cem km/h, o carro tirou um fininho espantoso do animal, provocando o grito assustado do Vete:

— Amílcar! Não viste a vaca?

— Ué vaca, viu... Eu tô na minha mão, viu!

## AMILCAR VI

Durante décadas, o Clube Comercial de Passo Fundo se notabilizou por memoráveis jornadas carnavalescas. Eram quatro noites de prolongada farra. Fantasias caríssimas, blocos organizados e muita pompa.

Caixas e caixas de uísque rolavam sobre centenas de mesas. O cheiro do éter dos lança-perfumes coloria as cabeças mais que as fantasias, os confetes ou as serpentinas.

Mas não era só isso. Em meio à fantasia, os ânimos se exaltavam. Lá pelas tantas voavam garrafas, mesas e cadeiras, numa verdadeira luta australiana, com dezenas de envolvidos. Numa terça-feira gorda, Amílcar entra em cena, quando um grupo de jovens já ensaiava, no fundo da madrugada, mais um pega-para-capar. Quem estava sendo ameaçado era o Jair De Marchi, desde criança conhecido por Burrichó.

E vai daqui com um "vão surrar o Burrichó" e pra lá com "cuidem do Burrichó" que o Amílcar se aproximou da guízada, ameaçador, com sua voz grossa e seu respeitável corpanzil.

— Olha aqui, viu... Ninguém vai surrar o Burrichó, viu!

Os garotos resolveram dispersar. Não saiu a briga.

§

Quando todos achavam que o Amílcar iria abraçar seu protegido, ele se voltou para o Clóvis Apóstolo de Oliveira, o Moreninho, que o acompanhava.

— Olha aqui, viu... Quem é mesmo o Burrichó, viu?



# Melhoraste da Gripe?

---

Dona Ada de Castro nasceu com a sina de ser esposa, mãe e sogra de jornalistas. Mesmo sob a vida atribulada que o círculo profissional causava à família, nunca se abalou a ponto de perder a calma ou contribuir para maior preocupação. Sua dedicação era tão grande que, quando as coisas mais difíceis das rugas políticas estavam acontecendo, ela lembrava o jantar do Múcio, as viagens do Tarso e assim por diante.

A saúde dos seus era assunto obsessivo.

Em agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou. João Goulart, o Jango, vice-presidente da República, estava em viagem pela China Comunista. Os militares, ministros de Jânio, vetaram a posse de Goulart e o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, metralhadora à mão, articulou de Porto Alegre a resistência que entrou para a história como Movimento da Legalidade. Mobilizou o Rio Grande inteiro. Criaram-se batalhões de voluntários civis e em poucos dias milhares de civis estavam armados, prontos a defender a posse do vice-presidente. Militarmente, Brizola só contava então com a Brigada do Estado pois o III.º Exército ainda não havia aderido. O governador e seu staff entrincheiraram-se no Palácio Piratini, temendo até um ataque dos verdes.

Na equipe estava um jovem passo-fundense, então com 17 anos, que se tornaria um dos mais lidos e conceituados jornalistas do país: Tarso de Castro, o filho da Ada.

A Rádio Guaíba fora requisitada para comandar em todo o sul do país a famosa Rede da Legalidade. Tarso trabalhava no jornal Última Hora e acompanhava os lances dramáticos da crise que levou o país à beira da guerra civil. Dias antes ligara para Passo Fundo dizendo que estava muito gripado, isso antes de irromper a confusão. Agora, entretanto, estava muito difícil de falar com o Palácio. Só o prestígio do Múcio, ex-deputado do PTB, garantiu a ligação. Múcio conversou muito, ouviu o que o Tarso lhe contava com ar preocupado e depois passou à Ada:

— Olha Ada — diz Tarso de lá — a coisa está ficando horrível. Dizem que a Base de Canoas recebeu ordens de bombardear o Palácio e que o porta-aviões Minas Gerais está descendo para o sul. Podemos ir para os ares a qualquer momento e tal e lousa...

Ada interrompe com aquela sua tranqüilidade habitual:

— Mas Tarso, meu filho, melhoraste da gripe?

# Diagnóstico

---

Intendente em várias gestões, deputado estadual e federal, líder republicano de grande prestígio, o doutor Nicolau de Araújo Vergueiro exercia uma popularidade invulgar em Passo Fundo.

— Era médico também — pilheriavam seus adversários, pois Vergueiro adorava mesmo era a política.

Seu consultório mais parecia uma movimentada sede partidária onde a companheirada se reunia para as rodas de chimarrão e de charlas. Enquanto participou da política manteve total domínio do município à testa do seu Partido Republicano, cujo comando herdara do Cel. Gervásio Lucas Annes. Por duas vezes foi Governador Civil de uma cidade convertida em Praça de Guerra: em 1923 na Revolta Maragata e em 1930 na Revolução de Outubro. Em 23 defendeu a legalidade borgista durante o cerco maragato. Em 30, comandou civilmente a conspiração e a rendição da tropa federal do então 8.º RI.

No perfil do histórico caudilho havia também um saliente traço de humor e sarcasmo.

Num dos raros momentos de atividade médica, Vergueiro recebeu uma tarde um advogado que mal chegara à cidade. Arrogante e pretencioso, o jovem bacharel conseguira em pouco tempo ganhar a antipatia generalizada da população. Vergueiro bem sabia disso. Atendeu o cliente com educação, preparando o bote.

— Pois não bacharel. O que é que o senhor está sentindo?

Não soube explicar direito.

— É uma dorzinha que sobe e desce pela barriga, do peito ao umbigo, sobe e desce...

— Ah... uma dorzinha que sobe e desce — atalhou Vergueiro, enquanto encostava o estetoscópio no peito do paciente.

— Isso doutor.

— Está diagnosticado bacharel. O senhor sofre de um peido indeciso.

— Mas como doutor. Um peido indeciso?

— Isso mesmo bacharel. Com essa sua cara de cu ele não sabe se sai por cima ou por baixo.

# Olha a Federal!

---

Em forma de charges, esta história circulou pelo país inteiro naquele segundo semestre de 1976.

Certa noite, a cidade foi surpreendida por estridentes sirenes de várias viaturas da Polícia Federal. Na realidade, na redação de O Nacional já se sabia que um grande escândalo estava por estourar: o famigerado Adubo-Papel. A fraude envolvia dezenas de pessoas e empresas rurais, fornecedores de adubo ou calcário. Até mesmo a Mitra Diocesana, ao tempo sob as ordens do depois arcebispo de Porto Alegre, D. Claudio Colling, teve sérias dificuldades para explicar inocência.

Naquela noite, um poderoso aparato foi montado. Diversos granjeiros supostamente envolvidos foram detidos e levados ao quartel da Guarnição Federal, então comandada pelo Maj. Piaguassu Pires Corrêa.

Na manhã seguinte, acintosamente, o delegado David de Castro e seus agentes, metralhadoras em punho, vasculhavam até mesmo os bares centrais da cidade perguntando por esta ou aquela pessoa, insinuando envolvimento no escândalo. À noite, faziam o mesmo pelas boates da movimentada Passo Fundo de então. Sem constrangimento algum bebiam compensadoras doses de uísque como alternativa ao *estafante* trabalho.

Semana depois da chegada dos federais muita gente já tinha se apresentado para depor enquanto outros

tantos aguardavam sua vez. O clima de pavor porém continuava.

Foi numa manhã de chuva que o bilheteiro Alceu, matreiro como ele só, entrou aos gritos no Bar do Turis, ponto de reunião dos granjeiros da cidade:

— Olha a Federal! Olha a Federal!

Foi um deus-nos-acuda. O banheiro era pequeno demais e o bar tinha um só saída. Quem devia e quem não devia entrou em parafuso. Ao entender que a brincadeira causara pânico, o Alceu explicou:

— Calma pessoa. Tô falando da Loteria Federal pra hoje.

Quase apanhou.

# Os Panos de Prato

---

Esta história de sustentar amante nunca deu certo.

Com o casamento desfeito há horas, uma figura aí resolveu se enrabichar num bichinho. Acontece que a distinta era dada a sorrateiras e constantes incursões amorosas longe dos olhos do apaixonado amante. Até aí tudo bem. Está muito em voga. Entre chopes gelados, colarinho alto e copos embranquecidos, nosso herói desfilava seus agrados ao novo amor na roda do Gageiro.

— Sabes, aquele corcel II que era do fulano da Cooperativa? Comprei hoje e dei de presente para a Marly. Ela adorou.

Dia seguinte vinha o caso da decoração do apartamento, do TV com vídeo-cassete e coisas assim. O ninho estava completo. Tinha máquina de lavar, secar, carpetes, cortinas, forno microondas, três-num estéreo, telefone e outras bugigangas.

Depois de uma noite de porre, a turma estranhou a ausência do gajo na cantina. O próprio Gageiro, profundo conhecedor da parceria, preocupou-se.

— Melhor telefonar — falou um.

— Melhor que não — discordou outro — a Marly vai dizer que a gente tá pondo **ele** no mau caminho como dizia a ex. Deixa pra lá...

— Acho que viajou — arriscou um terceiro.

Dias depois, ainda com a ressaca estampada, chega a figura. Sem rodeios ou cumprimentos, explica a ausência com uma resignação idiota.

— Abri com a Marly. Tá tudo acabado.

— Mas como? — perguntam-lhe — então você não deu o automóvel, montou o apartamento com carpete, vídeo-cassete, geladeira, etc.?

— Aí é que está meu irmão...

— Está o quê?

— Você conhece aquele rapaz moreno que trabalha na contabilidade da Caixa Econômica?

— Claro, o Dentinho.

— Ele mesmo. Chegou lá, achou muito bonito tudo mas disse que faltavam os panos de prato. Deu os malditos panos pra ela e ficou com a mulher.

# Esta tu não me Aplica

---

A década de 40 foi a fase áurea da vida noturna passo-fundense. O rendoso e nem sempre arriscado contrabando de pneus ou de farinha, fazia borbulhar mil champagnes nos bordéis que se esparramavam pela 15 de Novembro e adjacências. *La Belle Époque* de uma cidade que ia ganhando novos contornos, urbanísticos e morais. Ponto estratégico nas disputas político-partidárias e até militares, Passo Fundo também era eixo ferroviário de transcendental importância num tempo em que o trem compassava o progresso.

E o trem de passageiros chegava à tarde, sempre trazendo novidades de Porto Alegre ou exímias bailarinas castelhanas que desciam com ar de matrona espanhola, sequer mostrando os tornozelos. Todos se deleitavam com aquela graça estrangeira que alegraria muitas noites de festas na Maroca, famoso cabaret da rua 15, cujo prédio ainda existe na esquina da Gen. Osório. Todos, mas não todas, pois as senhoras da nossa sociedade aprenderam até a misturar ervas exóticas no chimarrão do marido, para afugentar feitiço-de-china. Na verdade, muitos lares desfeitos foram consequência daquelas turbulentas noites de orgia.

Mas o delírio dos novos ricos não ligava. O dinheiro era fácil. Em poucos dias chegariam os caminhões repletos de pneus da Argentina e a farra do mês estaria garantida.

Neste tempo sodomesco, chegou de Marau uma família de piedoso passado católico. O marido deslumbrou-se logo por aquilo que nunca vira antes. Adaptou-se à trilogia: bebida, mulher e carpeta.

Uma tarde, o trem que vinha da fronteira trouxe uma ruiva excepcionalmente bela. Era uruguaia, de Montevideo. À noite, logo após o show do ballet ele já pagava mesa e dividia cama com ela.

Tão de repente quanto a paixão o assaltou, os mexericos invadiram sua casa. Afinal, a cidade era ainda pequena para tanta infidelidade. Da desconfiança, dona Prudência, a esposa, passou à inquirição mesmo. Ele negava tudo e jurava por todos os santos que não tinha tal amante, que passava as noites no jogo do Clube Comercial ou no traslado de alguma carga extra de contrabando. Como a farinha de trigo entrara no comércio ilícito, ele, às vezes, empoeirava-se de branco antes de chegar em casa. De uma feita — contam — foi surpreendido pela esposa quando tentava deitar às cinco da manhã.

— Aonde vai? — perguntou ela, achando que estivesse acordando.

— Vou à missa — recompôs-se rapidamente.

E teve que ir, demonstrando sua sempre alegada religiosidade, sem dormir, e sem tirar da cabeça o corpo cálido que há pouco deixara no leito do bordel.

Estas demonstrações de fé e a devoção que dizia ter por Santa Terezinha, amainavam a desconfiança da companheira. A estatueta da freira santa não saía do lado da sua cabeceira. Intimamente, um velho tabu religioso renascia medos de criança, sempre que fitava os olhos vítreos da imagem.

Incorrigível, porém, caía cada vez mais no descrédito e a cidade toda comentava o escândalo. Cansada de condescendências, dona Prudência pôs-se de pé às quatro horas de uma madrugada, acordou os três filhos e fê-los aguardar o retorno do boêmio. Pelas cinco chega ele, cheirando uma imitação argentina do *Rosé D'Argent*, perfume muito usado na Maroca. Prudência tinha preparado tudo. Surpreendeu-o:

— Agora você vai jurar por mim e pelos filhos que não tem amante!...

— Ora mulher, eu já disse que não! — responde ele, já acostumado a mentir.

Dona Prudência continua.

— Então jura pelo seu pai e pela sua mãe.

— Ora querida, claro que eu juro — repete com ar de beata inocência.

Os filhos, perfilados diante da porta do quarto. D. Prudência mostra na parede um enorme crucifixo metálico sobre um quadro de mármore.

— Jura então por Jesus Crucificado?

— Tá bem, eu juro.

— Então jura também por Nosso Senhor e Nossa Senhora?

— Ora bolas — pensa — a coisa tá indo longe demais.

Meio gagueja enquanto olha o quadro da Sagrada Família na outra parede!

— Ju... juro sim!

— Ah é?! — explode Prudência, tirando da bolsa a estatueta de Santa Terezinha, para acuar ainda mais o adúltero, enfiando-lhe na cara.

Era demais.

— Ah não mulher, esta tu não me aplica!



# Não é o Comercial

---

Carolina Borges dos Santos, a Tia Carula, foi uma das damas-da-noite que mais empolgou nosso *bass fond* nas décadas passadas. Embora afável com a freguesia, era muito severa sempre que alguma de suas meninas descumprisse as normas da casa. Assim também, não admitia de sua clientela rusgas e escaramuças, brigas ou confusões.

Neste tempo, no Clube Comercial, o mais sofisticado da cidade, socos e ponta-pés eram uma tradição, principalmente nos bailes de carnaval. Passo Fundo inteira ficava sabendo quem brigou, quem apanhou, por que foi e coisas assim.

Com quartos no fundo — é claro — o dancing da Tia Carula ficava na Vila Petrópolis onde a boemia terminava suas noites de porre. Ao som de tangos e boleros, sambas e chotes, o bailongo da Carolina ia até de manhã.

Uma noite, por um desses motivos fúteis que levam bêbados à briga, o pau comeu no percantério. Era porrada, garrafada, mesa voando e garçon apanhando de facão ou de soqueira. Do instrumental pouco sobrara: um músico jazia diante do tablado com o violão quebrado na cabeça, outro tentava arrancar o bumbo que lhe enfiaram pescoço abaixo e assim por diante. Do pandeiro e da cordeona não se sabia mais. Foi quando a indomável empresária noturna viu as baquetas e os dois pratos, — o que restara — subiu ao palco e bateu neles até que a balbúrdia serenasse o suficiente para ouvi-la:

— Parem com isto putedo. Vocês acham que aqui é o Clube Comercial?!



Tempos houveram em que a Guarda Noturna de Passo Fundo era a responsável pela maioria das detenções ocorridas na cidade, pacata de dia mas intensamente agitada à noite.

O mais temido e folclórico dos guardas foi o terrível Latedo. Alto, forte, bigodudo e incomensuravelmente analfabeto. Chamava-se La Hire de Lemos e era veterano na profissão. Homem de bom coração sem a farda marrom da corporação era duríssimo com os moleques, como chamava a rapaziada da noite.

Sua alcunha era antiga. João Baptista de Mello Freitas, Clélio Sciéssere, Tarso de Castro, João Vieda e mais uma corriola que se reunia todas as noites no antigo Bar Gaúcho do Pavani, aplicavam-lhe indigestos trotes.

Espalhavam-se pelo centro, ocultando-se em terrenos baldios ou atrás de árvores para bater latas que enfureciam o velho guarda.

Em pouco tempo seu apelido foi consagrado.

O pessoal batia lata numa esquina, o La Hire corria pra lá e ouvia do outro lado alguém gritando:

— Tô aqui seu Latedo.

O homem ficou meio maluco e deixou a guarda algum tempo depois para trabalhar na Delegacia. Mais tarde saiu de Passo Fundo mas até hoje é lembrado.

## O LATEDO II

Principalmente nas madrugadas de sábado, era comum grupos de jovens aproximarem-se de janelas impacientes que se abriam aos primeiros e apaixonados acordes de uma serenata. Eram violões, bandolins e violinos inebriantes.

Acontece que muita gente não gostava de ser acordada pela rapaziada e diante das reclamações, a Guarda Noturna baixou ordem aos seus componentes: Barulho na rua depois das 22 horas é perturbação de sossego público, levem pra Delegacia.

E a ordem vinha sendo cumprida à risca. Todas as noites, grupos notívagos, com violão e tudo eram levados à DP e tinham seus nomes registrados no Livro de Ocorrências.

César Romero, moço ainda, chefe de redação do Diário da Manhã e editor de notícias da Rádio Passo Fundo, tinha a aterrorizadora mania de enfrentar a Guarda. Para tanto se munia de uma autorização do próprio delegado, na época, o bacharel Nilton Zaquetti. A bem da verdade, não sabia o César que antes dos olhos azuis da sua musa, teria uma noite, na sua frente, o bigode *panchovilento* do Latedo.

— Tão preso por desassossego público! — foi dizendo ele.

O estupendo Mario Barros interrompeu a valsa de Zequinha de Abreu que dedilhava carinhosamente. Da esquina da Paissandu desceram mais dois guardas para reforço. Foi bem na frente do Clube Juvenil. O Romero não perdeu a calma.

— Seguinte seu Latedo...

— Latedo o que seu piá de merda!

— Desculpe seu La Hire mas eu sou o Romero, o jornalista do Diário da Manhã que é amigo do Delegado, etc...

Latedo pressentiu incômodo ao identificar o seresteiro. Era ignorante mas não burro. Também não podia perder a autoridade.

— Tá bem. Intão tá preso o violão.

Ora, logo a joinha do Mario Barros!

Começou a discussão de novo. Romero usou o último argumento. Tirou do bolso um papel timbrado com anotações que fizera no Plantão da Polícia e mostrou ao guarda.

— Isto aqui é uma autorização do delegado para a gente fazer a serenata.

O homem não sabia ler. Reconheceu o timbre da Secretaria de Segurança, liberou o violão e encerrou o incidente.

— Bão. Ansim adocumentado, não carece corretivo.

### O LATEDO III

Claudinho Schlotfeldt, Sergio Franco, João Carlos Marques, o Treme-Terra e Solon Silva vinham a pé de uma noitada da Carula, na Vila Petrópolis. Diante do Colégio Bom Conselho encontraram um burro velho que por ali pastava. Solon, que recém encerrara uma campanha para a deputação estadual pela Aliança Republicana Socialista, montou o animal enquanto o Claudinho puxava o burro, anunciando em tom de púlpito:

— Eis que chegou o novo Messias. Esta é a nossa Jerusalém...

Subiu a Capitão Jovino, tomou a Moron e, nesta altura, já seguido pelo Latedo, chegou à praça Marechal Floriano.

Amarraram o burro num banco quando chegou o La Hire com mais dois companheiros.

— Tejem preso seus moleque!

Começaram as explicações. Solon narrou o advento do socialismo e o reconhecimento da Guarda Noturna como Milícia Popular a nível de Exército. Serginho identificou-se como filho do major Ney da Brigada Militar, Claudinho filho do Dr. Adolfo e assim por diante. Convencido pela rapaziada, Latedo decidiu salomonicamente:

— Pôs intão tá. Vocês são tudo de famia boa, mas o burro eu não conheço. Podem ir prá casa que eu prendo o bicho.

## O LATEDO IV

La Hire deixou Passo Fundo e foi morar em Bento Gonçalves. Muitos anos depois, madrugada alta, quase de manhã, com Jorge Antonio Gehrardt e o passo-fundense Aldo Bonissoni, entrei no último restaurante aberto, na chamada Cidade Alta de Bento.

Afora a turma do Esportivo que aquela noite havia batido o Sport Club Gaúcho, o ambiente era realmente de curva-de-rio. Só cisco. Em meio àquela fumaceira que empoeirava rostos de borrachos cansados e escandalosas pinturas de meretrizes, surgiu a figura conhecidíssima.

— É ele — disse pra mim mesmo — é o La Hire.

De botas cano alto, a velha suíça, o bigode enorme já embranquecido, dois enormes revólveres no cinturão, lá estava o Latedo. Na jaqueta, o distintivo de Diretor da Guarda Noturna de Bento Gonçalves. Não me contive e gritei:

— Latedo!

O homem petrificou. Só os olhos, de pálpebras caídas e enrugadas, moveram-se vasculhando o salão que virou silêncio. Quando desistiu de identificar o moleque que o chamou, colocou as mãos sobre as coronhas e deu dois passos largos e pesados à frente para indagar ameaçador:

— Quem é o filho-da-puta de Passo Fundo que está aí?

Silêncio total. Depois fugimos pela porta dos fundos e só no centro da cidade o Aldo recuperou o fôlego.

— Tu estás louco chê! Ele deu três tiros na bunda de um viajante na semana passada por tê-lo chamado de Latedo.



# Um tal Guilhermino Porongos

---

Guilhermino Porongos nasceu num dia em que a inteligência estava de férias, por decreto do Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, diziam os adversários do caudilho.

Borgista desde piá, Guilhermino passou a ser chamado de Seu Porongos quando ganhou o primeiro emprego no Departamento de Correios e Telégrafos, como guarda-fios da empresa.

Como tantos outros companheiros bafejados pelo calor oficialista, Porongos já vivia o Estado Novo cheio de regalias e companheirismos.

— Progrediu no bolso — comentavam — mas não nas ventas.

Os guarda-fios do departamento aperavam seus cavalos que ficavam — alfafa à vontade — nas estrebarias do órgão oficial aguardando uma chamada, uma emergência. Meses se passavam, às vezes, sem um trabalho sequer. Baralho, canha e palheiro eram o entretenimento do pessoal, além de virtuais escapadas pela putaria da rua 15.

De repente, numa madrugada de julho, um vento do diabo derrubou árvores, postes e ranchos. Porongos deixou a Maroca no rabo-da-madrugada para se apresentar no Correio.

— É na linha da Boa Vista do Erechim...

Lá se foi ele ao trotito do picasso, acompanhando o sobe e desce de postes metálicos, coxilha a fora. No inverno a noite é longa no campo. O dia ainda não amanhecera sobre os matos das bandas da Vacaria. Porongos tenta acender o palheiro. O vento bate forte, com chuva fina levantando o poncho e encharcando o chapéu. Nada feito. Tenta de novo e risca a pedra sobre o pavio, sai chispa mas não se cria a chama. Ele não tem outra saída senão colocar o cavalo a favor do vento. Na primeira tentativa o palheiro de fumo amarelinho está ardendo. Engole fundas e prolongadas tragadas para depois prosseguir a viagem.

Amaina o vento pelas nove e tanto da manhã. Porongos, já semi-adormecido e embriagado pelo corcovear das coxilhas, vê espantado ao longe a torre da Igreja Matriz. Voltara à cidade.

— Que merda! Esqueci de desvirar o cavalo.

## UM TAL GUILHERMINO PORONGOS — II

Para Guilhermino Porongos o *pi-pim-piim-pi* do código morse era coisa de gringo. Ele gostava mesmo é de montar o picasso e levar os recados administrativos pessoalmente. Batia de agência em agência passando reprimendas e corretivos, às vezes de relho na mão. Foi promovido a gerente do departamento num lugarejo próximo. A Rede Ferroviária Federal entretanto, acabou convidando-o a assumir a função de agente, roubando a preciosidade do DCT. Porongos foi meticuloso no relatório de entrega do cargo, não respeitando vírgula ou coisa que o valha:

— Deixo quatro vidros de tinta para escrever sardinha um crucifixo marca inri e uma mesa de comer velha de quatro pé.

## UM TAL GUILHERMINO PORONGOS — III

Pois Porongos terminou sua vida na Rede Ferroviária Federal. Sua apoteótica burrice seria eternizada no verão que antecedeu sua aposentadoria. Curtia o soláço de dezembro quando Guilhermino apareceu com um sobretudo Renner, o mais grosso que surgira no inverno anterior. Disse que o maquinista do trem paulista lhe havia trazido de encomenda. Passaram-se os dias e as semanas sem que, religiosamente, sempre na hora da chegada do trem, Porongos não saísse de sua sala com o já engomado sobretudo. Chegou janeiro com o mormaço que derrete até coração de china e o homem não se flagrava. Causava constrangimento. Um dia o intendente municipal, aconselhado pelo delegado e pelo juiz chegou no agente:

— Seu Porongos. Chegam aqui, toda a semana, ilustres autoridades de Porto Alegre ou do Rio de Janeiro e o senhor sob este sobretudo causando mal estar em todo o mundo. Hoje, por exemplo, chega o general Cordeiro de Farias, interventor do Estado e o senhor tinha que ter uma indumentária mais apropriada para este calor de 35°.

O homem público suava só em olhar o sobretudo do Porongos.

— Doutor — responde convicto o agente — são ordens. Não posso mudar.

— Mas como?

Guilhermino Porongos apressou o passo até o escritório e voltou com um telegrama datado de dezembro.

— Olha aqui doutor. Aqui diz: "Alerta geral para os senhores agentes da RFFSA para o extremo cuidado na área da gare no que tange a ação de punquistas e subversivos e *sobretudo* nas horas da chegada do trem.



Nem mesmo os moleques engraxates se atreviam a encarar aquele rosto maravilhoso que todas as tardes, quinze para as seis, iluminava o largo da catedral como se meio-dia fosse.

Quando algum viajante sob os Coqueiros, ameaçava qualquer insinuação ou comentário sobre as perfeitas ancas que via extasiado, vinha sempre uma advertência:

— Esta não companheiro. Esta nós conhecemos bem...

Dona Julinha era realmente uma mulher acima de qualquer suspeita ao ponto de conquistar a admiração platônica e o respeito mais carinhoso do bando de desocupados que habitava o largo da igreja. Já há anos na cidade, esposa de um estimado funcionário público federal, vivia entre ofícios religiosos e campanhas filantrópicas, quando não se recolhia ao aconchego do lar, uma bela casa da avenida Brasil.

Uma tarde, a rotina da bela senhora foi radicalmente alterada. Passava ela diante de uma das lojas da Moron em direção à Catedral no percurso de todos os dias, rebolando discreta e ritmadamente aquelas exuberantes meia-maçãs sob o mesmo vestido cinza-escuro, quando — que surpresa! — ouviu um psiu... Mais alguns passos e novamente o psiu... Ora, quem se atreveria a tanto?!

Virou-se mas não viu ninguém. Resolveu continuar e de novo psiu... psiu...

Olhou com mais cuidado junto ao cordão da calçada e viu um estranho sapo. Mais estranhou quando teve certeza de que era o sapo quem lhe falava:

— Senhora. Por favor, não se assuste, tire-me daqui. Leve-me para que eu possa lhe contar minha história...

Espantada, num gesto quase automático, Dona Julinha abriu rapidamente a bolsa e colocou o animalzinho sob sua proteção.

Já em casa, após a missa das seis, cuidadosamente liberou o sapo.

— Senhora, sou-lhe imensamente grato. Este meu aspecto físico, respeitável senhora, é apenas fruto de uma feitiçaria. Sou um príncipe nórdico. Na realidade tenho um metro e oitenta de altura, 25 anos, olhos azuis e cabelos louros. Fui transformado em sapo até o dia em que conseguisse a proteção e o auxílio da mais bela e virtuosa mulher que encontrasse...

Já recuperada do impacto, Dona Julinha interessou-se pela história inacreditável que ouvia.

— Pois dize-me pobre jovem, que devo fazer mais para acabar com tua maldição...

— Oh, senhora! Como posso exhibir-lhe mais ainda?

— Por Deus meu amigo. Dize-me.

— Esta virtuosa senhora que me der atenção e proteção, terá que banhar-me e lavar com suas piedosas mãos este visgo nojento que me cobre a pele desde que fui enfeitiçado. Só assim deixarei de ser sapo e voltarei a ser homem.

Bem, tudo isto é muito inverossímil, mas foi exactamente o que ela contou ao marido quando este a encontrou no banheiro com um moço alto, louro e de olhos azuis.



# Mesa Um

---

Durante as últimas décadas, dezenas de cafés e restaurantes existiram na estratégica quadra da general Netto diante da nossa República dos Coqueiros. Elite, Colombo, Haiti, Sonora e muitos outros. Resta agora o tradicional Bar e Café Oasis. Como os antigos é ponto obrigatório de reunião dos mais bem informados da cidade. Médicos, bicheiros, jornalistas, advogados, políticos e gente de todo o tipo a se comprimir na estreita sala usando os poucos bancos de três pequenas mesas. A primeira delas é a histórica Mesa Um que no passado andou pelo Colombo ou pelo Elite cumprindo sua folclórica missão.

## MESA UM — II

Adão Vieira, o Adão Peru é realmente uma das reservas intelectuais da roda. O Adão tem a grande vantagem de não se preocupar com o português. Quando perguntaram ao colunista se o Adão Peru existia mesmo ou era figura fictícia ele ficou sabendo.

— Escreve aí que eu existo mesmo e não sou figura de *fricção*.

Um dia o Adão resolveu contar a história de um amigo seu que havia flagrado a mulher infiel. De revólver em punho o corno entrou no quarto da mulher.

— E daí Adão?

— Aí ele gritou pra ela: “Creuza muié marvada sarta arto senão de arvejo!”

### MESA UM — III

Entre os poetas de Passo Fundo, Gomercindo Dornelles dos Reis marcou época. Comerciante de larga experiência, foi muito bem sucedido financeiramente. Caso raro de poeta rico — comentavam.

Esta tranqüila situação lhe permitia liberar constantemente sua veia humorística. Escrevia versos e paródias sobre o momento político ou fatos diversos.

No incorrigível Tope, mais um tiroteio com morte. O velho Doca, tronco mais antigo dos Aguirre, estava envolvido na rixa de centenas de balaços. Era só o que se comentavam na cidade.

Gomercindo, na roda do Café Elite, escreve uns versos e manda para a redação do jornal: “Lá no Tope, à beira estrada, / Quanta cruz se levantou, / Ou morreu da peste braba, / Ou foi Aguirre que matou.” Todos na Mesa Um aprovaram os versos que iriam causar sensação na edição matutina do Diário da Manhã.

A tarde já estava terminando quando alguém entrou no café com o recado.

— Avisem o Gomercindo que o Doca tá na cidade!

Ora, e quem não temia o Doca? Foi pra já.

— Garçon — diz o Gomercindo rabiscando rapidamente num guardanapo — leve este chasque ao jornal e avise ao Túlio que eu resolvi mudar o verso.

E mudou mesmo: "Lá no Tope, à beira estrada,  
Quanta cruz se levantou, / Ou morreu de peste braba, / Ou foi  
cobra que matou".

### MESA UM — IV

De contrabando vinha farinha e pneu. Também vinha castelhano gigolô que empresariava bailarinas da 15, carreiristas, músicos e gente de toda a espécie.

No Café Colombo a Mesa Um foi ocupada uma tarde por um solitário portenho. Cabisbaixo, ficava ele horas a fio tomando seu café e tragando um Elmo sem ponteira.

Sentava antes e até constrangia os demais habitués. Nas poucas vezes que erguia os olhos carregados por negras pestanas, via-se que era um homem cheio de *remordimientos*.

Certo dia ouviu-se uma voz esganiçada nos canteiros da praça:

— Don Roberto! Tengo novidade...

Dom Roberto — soube-se então seu nome — ergueu-se para saudar o recém-chegado patricio.

— Por Dios Jacinto, lo que haces por acá?

— Es que tu hermana, lamento decirte, morrió en lunes que passo.

— A la puta che! — esbravejou Dom Roberto.

— La puta no — disse o recadeiro — fue Mercedes, la otra!

### MESA UM — V

Os velinhos conversavam quase aos sussurros na manhã do domingo, enquanto a calçada era um desfile de bem torneadas coxas a aguçar adormecidos desejos.

— Eu dou três por semana, podes crer...

— Essa não! — desacredita o outro — Não dá não.

Dá e não dá as três por semana que o terceiro velinho da mesa se irritou:

— Olha aqui. O rabo é dele e ele dá quantas vezes quiser.

### MESA UM — VI

O Júlio Gasparotto, agro-pecuarista e líder cooperativista chega à Mesa Um com a fatiota nova já furada cem vezes por restos acesos de palheiro.

— O que é uma coisa que de manhã pesa 800 quilos ao meio-dia 300 e de noite 450 gramas?

Ninguém sabia.

— É mulher de gringo.

— Como assim?

— De manhã o marido diz pra ela: "Levanta pra trabalhar sua vaca." Ao meio-dia, após o almoço ele reclama: "Cozio, comeu como uma porca". De noite ele chama: "vem pra cama pombinha."

## MESA UM — VII

Gasparotto, com problemas de anemia, esteve alguns dias internado numa clínica especializada em Florianópolis. Com todos pacientes reunidos, o médico diretor da clínica fazia preleção sobre a doença, suas causas e consequências, indicações e contra-indicações. Lembrou que o anêmico não teria que ser, obrigatoriamente, um anti-social. Que, por exemplo, durante um coquetel, poderia aceitar um uísque, mas não deveria esquecer que sorveria calorias iguais a duzentas gramas de carne. Gasparotto, no meio do amplo auditório, desandou a rir. E ria... O médico foi se irritando mas o riso quase convulsivo continuava.

— Por favor — diz o palestrante — o senhor está perturbando o trabalho!

— Desculpe doutor — consegue dizer — mas é que lembrei de uma coisa...

E continuou rindo às pampas.

— Mas afinal — berra o especialista — o que é que o senhor está lembrando?

— Estou lembrando de quantas tropas de boi eu já bebi!...

# O Santo Fardado

---

A Brigada Militar do Rio Grande do Sul teve um tempo de descrédito absoluto. Brigadiano era sinônimo de pé-de-chinelo, graças ao descrédito que o Governo Central lhe atribuía. Receio e medo, é claro do que a Brigada havia sido no passado. Só pelos idos de 50/60 é que a gloriosa milícia gaúcha reassumiu sua própria dignidade, graças, efetivamente aos melhores salários, cursos de especialização, melhor armamento e tudo mais. A BM, soube suportar a carga dos anos 64/78 mantendo até o próprio nome e não admitindo um oficial do exército no seu comando como aceitaram as outras milícias estaduais, segundo os atos institucionais impostos pela ditadura. Tanto assim que todas as outras são Polícias Militares enquanto a do Rio Grande do Sul continua sendo Brigada Militar tendo um brigadiano como comandante.

Pois foi no tempo ruim da Brigada. Cristóvão, conhecido arruaceiro oriundo do Popular, sentou praça na Brigada. Deu-se mal pois já havia muita gente querendo moralizar a corporação. Fez várias escolhambações e acabou preso. Só dava baixa depois de cumprir a pena que lhe foi imposta. Uma noite, entre tragos de canha e chinocas, fugido do quartel, num rancho entre o São Miguel e o Pulador, fez uma promessa solene:

— Quando der baixa, vou vestir o São Miguel com a farda da brigada.

São Miguel, a lendária estátua na capela do mesmo nome é a devoção de milhares de fiéis em todo o setembro do Passo Fundo. Pois numa manhã de primavera amanheceu fardada de brigadiano.

Tia Eva, matrona incontestável de uma clã de doze machos perdidamente cristãos, invadiu aos prantos e gritos histéricos na matriz da Conceição na Praça Tamandaré.

— Vigário! Vigário! Vim de São Miguel agora. Virgem Nossa, Deus do Céu! O coitadinho do São Miguel tá tão pobrezinho que sentou praça na Brigada Militar.

Cristóvão, o hereje, morreu de faca anos depois, num bordel da rua 15.

# Andou no Povo é?!

---

Tia Rodolfa não era dada a muita frescura como as mulheres da cidade. Como ela era “marido é marido”. Vaca fresqueou tem que o touro tá em cima. Pois o Valdo era homem muito que retraído. Ato sexual era debaixo das cobertas, só que tinha que ser sempre.

— A Rodolfa com o *boi* — dizia ele numa ignorância sábia — é melhor buscar china na zona ou ovelha no banhado.

Numa dessas Valdo sai da estância e fica três dias na cidade. Chineando, é claro. Rodolfa se arreta até os cotovelos e nada do Valdo voltar. Fim de madrugada chega ele estropiado, tipo guaiepeca cheirador de cio. Chega, deita e dorme.

De manhã Rodolfa vai pro curral, tira o terneiro manhoso e o leva ao ubre da vaca. O bichinho regateia e não quer mamar. Ela tá de saco cheio com o marido. Não tem em quem se vingar. Junta uma ripa grossa e toca no lombo do animalzinho.

— Andou no Povo é?! Tá enfarado filho-da-puta...

E dê-le pau...

# O Santo Casamenteiro

---

No Pulador houve a história de uma solteirona que, beirando os 40, prometera dar véu e grinalda ao São Miguel se lhe arranjasse casamento. Casou dois meses depois com um gari da Prefeitura.

Antes de vir morar num cortiço da cidade cumpriu a promessa. Colocou véu e grinalda na cabeça do Santo.

Tia Eva chegou de manhã, às seis, como sempre chegava.

— Cruz Credo, Nossa Senhora, inté São Miguel virou veado.

O rádio passo-fundense produziu excepcionais figuras. Espécimes raras de uma fauna já extinta. O Rádio Passo Fundo foi a pioneira, depois surgiu a Municipal em meio a uma batalha política impressionante ao tempo da administração Daniel Dipp.

Nos microfones, nas redações ou na técnica de som surgiram nomes que andam hoje fazendo nome pelo país inteiro.

Maurício Sirotski Sobrinho, Lamaison Porto, Gildo Airton "Camelo" Fagundes Flores, Paulo Totti, Douglasberto Oliveira, Chico Freire, Tarso de Castro, sem falar nos que aqui não fizeram rádio mas conviveram com a mesma equipe como um Carlos Bastos, Marco Aurélio Cúrio de Carvalho e tantos outros. Do Maurício, Diretor-Presidente da RBS ao Chico Freire, o incansável locutor de caixinha da Guaíba todos deixaram marcas indelévels no nosso meio e impossível seria contar todas. Foi no tempo das ondas médias.

## ONDAS MÉDIAS — II

Havia um tempo em que a Rádio Municipal, cujos estúdios ficavam na Cel. Chicuta, apresentava todas as tardes, das 17 às 18 horas um programa patrocinado pela Nestlé, com as aventuras de Tarzan. O programa vinha gra-

vado em disco. Douglas Oliveira, hoje diretor da Rádio Alvorada de Brasília era o sonoplasta. Azar do patrocinador era o horário, exatamente o que reunia a turma no Maracanã, inclusive o gerente Rubens Zutter. O disco, de quando em quando era deixado ao deus-dará e todo mundo ia pro aperitivo do Wenhofenn no Maracanã. Uma tarde a senhora que fazia a limpeza entrou apressadíssima no restaurante:

— Seu Douglas! Seu Douglas! Vá ligeiro pra rádio pois o Tarzan estava salvando a Jane e eu acho que ele ficou engasgado...

Tinha trancado o disco e o nosso pobre herói estava no aiuó/aiuí/aiuí/aiuí... exatamente na hora de salvar a mocinha.

### ONDAS MÉDIAS — III

Bernardino Bento era um português ao alto-tejo que, depois de morar alguns anos da adolescência em São Paulo, resolveu fixar residência em Passo Fundo. Rápido de raciocínio, bonachão e muito correto, seu Bernardino ganhou amigos e fortuna graças a suas atividades no comércio. Proprietário do Bar do Português, junto ao antigo Altar da Pátria na Avenida Brasil, costumava aplicar das suas, provando que português não era tão burro como se dizia.

Ganhou uma araponga, ave poderosamente emplumada com um estridente canto. Ouvia-se o bichinho — a quem ele chamava carinhosamente de “passarinho” — por todo o centro da cidade.

Um freqüentador do bar pôs-se a incomodá-lo.

— Vende-me a Araponga, seu Bernardino.

— Vendo não o passarinho, — replicava o português.

Belo dia, seu Bernardino resolveu vender o bicho.

— Está bem. Dá-me duzentos mil reis e leva o passarinho.

Dia seguinte voltou o comprador.

— Seu Bernardino, a Araçonga tem uma perna quebrada.

— Ora, raios — diz acentuando os esses — que- res o passarinho para cantar ou para jogar futebol?

Por essa e por outras, seu Bernardino era alvo da brincadeira da turma. Num verão do início dos anos 60, já com problemas de insuficiência cardíaca, foi passar um veraneio no litoral, no Imbé, mais precisamente. Na Rádio Municipal, cuja turma toda era freqüentadora do Bar do Português, ouvia-se assiduamente o programa "Rádio Farroupilha Chamando o Atlântico Sul" único elo de comunicação com as praias num tempo de índio.

Noite de "descarga", isto é, excesso de estática na recepção e, propositadamente ou não, a turma da Municipal ouviu o programa da Farroupilha e transmitiu o recado: "Atenção Passo Fundo, Família de Bernardino Bento, avisamos que o mesmo acaba de falecer em Imbé. Venham com a Kombi buscá-lo".

Foi uma correria. Fecharam o Bar para receber o corpo. A kombi partiu pela manhã ainda. Velas, candelabros fúnebres, lírios e coroas. Alguns amigos começaram a chorar na hora do trago, no meio-dia.

— Pobre do Bernardino. Queria morar em Passo sempre e morrer aqui. Morreu tão longe!

— Éta português bom — dizia outro aliviado por quinze martelinhos.

Mais tarde e nada do corpo. A chuva começou a cair e não vinha a Kombi que os dois filhos haviam levado até Imbé para trazer o defunto.

Caiu a noite salpicando a avenida de respingos brancos no espelho das luzes públicas. Chega a Kombi. Todos correm para tirar o caixão. Que caixão?! Sai o Bernardino alegre e brincalhão sem suspeitar que está acontecendo.

— Mas como, o bar aberto até agora, e para me recepcionaire?!...

Tiveram que reter o português na calçada até que todos os móveis fúnebres fossem afastados — afinal ele era cardíaco — e que todos se recuperassem.

## ONDAS MÉDIAS — IV

Da velha estirpe do rádio passo-fundense realmente sobrou um, ainda em atividade, que faz de quando em quando reviver os exageros dos bons tempos: Antonio Augusto Meirelles Duarte.

Meirelles, apaixonado pelo esporte é, sem favor nenhum, o grande responsável pela sobrevivência do futebol profissional de Passo Fundo, principalmente porque seu time, o Gaúcho, é símbolo da cidade.

Chegando de Getúlio Vargas, sua terra natal, Meirelles começou a trabalhar nos bons tempos do rádio. A Municipal foi seu primeiro ninho. Ao lado de Jarbas Sampaio Correia formou a dupla que na Rádio Passo Fundo

durante tantos anos comandou (e hoje comanda ainda) o rádio esportivo regional.

Seu excesso de zelo, entretanto, acaba traindo sua indiscutível capacidade profissional.

## ONDAS MÉDIAS — V

O Gaúcho tinha um ponteiro direito que driblava até a mãe-do-badanha, o Larry. Meirelles não gostava do jogador pois ele não era dado a lhe dar entrevistas. Acontece que o menino driblava mesmo.

Meirelles, o Baixinho como seus companheiros o chamam, narrava uma partida do Gaúcho, com sua voz esganiçada:

— Bola com Larry. Ai, este rapaz não pode jogar no Gaúcho, ele amarra demais a jogada, só quer driblar... Lá vai ele pela direita. Olha lá, não disse? Já fez o primeiro drible, vai de novo, driblou de novo... Não é possível! Este rapaz quer jogar sozinho. O Gaúcho precisa fazer um gol só para se classificar e ele continua driblando, driblando... Driblou mais um e vai até a linha de fundo. Olha o Beбето pedindo bola no meio... Ele não passa! É incrível... Ainda Larry, driblou para dentro e ganhou do zagueiro. Só tem o goleiro e o Pedro pede pela meia esquerda mas ele não passa... Vai pra cima do goleiro, driblou o goleiro, atirou... É gol... Gooooooooooooooooo!!!!!! Larry! Larry! Sensacional...

Ainda pelos anos 60, a lambreta era o máximo.

Meirelles incentiva pela Rádio Municipal uma corrida pelo asfalto do Marau, de São João, hoje bairro da cidade, até o início da presidente Vargas. Um dos favoritos era Juca Ughini, conhecido lambreteiro já testado até em corridas de automóvel.

Juca se dá mal na prova. A Firma Ughini Irmãos patrocinava a transmissão e Meirelles vai correndo com o microfone.

— Ué Juca, o que é que houve?

— Não deu Meirelles — diz irreverente o Juca nem imaginando que o microfone estava ligado — está máquina tá fodida!

Meirelles sente a *gaffe*, quer remendar mas repete apressadamente, pensando estar usando o verbo fundir:

— Pois é... Tá fudida mesmo!...

## ONDAS MÉDIAS — VI

Julho de 1963. Um avião da Varig em meio a tenso nevoeiro cai em São João matando dezenas de pessoas. Foi num final de tarde fria. Meirelles apanha seu gravador, uns primeiros a pilha que existiam na cidade e faz a reportagem in loco.

— É pavoroso, senhoras e senhores. Os corpos estão dilacerados completamente. As copas dos pinheiros foram aparadas pelas asas da belonave que está totalmente destruída. Sente-se o odor do sangue... Mas o quê? Que vejo eu?! Sim! É meu amigo Agostinho Fortini de Getúlio Vargas, ele está entre os mortos. Meu Deus, que desgraça!...

Não é preciso dizer que meia Getúlio correu para Passo Fundo. Só no dia seguinte é que se soube que o corpo visto na penumbra daquele fim-de-tarde era de um paulista, viajante de laboratório e não do getuliense. Este, na realidade, dias depois chegou a receber cartões de condolências pela própria morte, o que bem prova a audiência que o Meirelles sempre teve.

## ONDAS MÉDIAS — VII

José Flávio de Freitas Caetano e Josué Duarte, decididamente não se acertavam. Josué, o Zeca, gerente da Rádio Passo Fundo e o irrequieto locutor, apresentador e comentarista esportivo viviam brigando.

Zeca já havia advertido Caetano 28 vezes sem puni-lo com maior rigor. Afinal, eram amigos, frequentavam a mesma roda e no fundo se respeitavam.

Agora entretanto, neste episódio da Semana da Pátria de 1969 a bronca havia atingido o auge.

— Onde é que se viu? — dizia o Josué coçando a barba rala — o Caetano me leva o Rogério (Rogério Barreto Correa) pra Rádio e dedicam um programa pro chinedo do 14 de Julho?! E ainda anunciam que já vão indo lá! Tá todo mundo reclamando...

O conselho editorial e administrativo da Rádio Passo Fundo reuniu-se no Bar Piratini na Gen. Netto. Ali, na realidade se decidia a respeito da emissora. Eram Hélio Gonçalves Dias, João Roman Vieda, Manoel Rodrigues Cordeiro, Dougalberto "Douglas" de Oliveira, Paulo "pilincha" Feldmann, José Carlos "Cabrito" Medeiros, Nery Prochnow e mais um punhado de funcionários, colaboradores ou jornalistas eméritos da cidade.

Caetano tem em José Carlos Medeiros, seu companheiro de chineadas monumentais, um dos seus mais ardorosos defensores.

— Olha aqui Zeca, — diz o Cabrito — deixa o Caetano. Não tem nada que puni-lo. Ele é boa gente.

E o Pilincha defende o Caetano, o Gonçalves Dias justifica, o Douglas pondera até que o Zeca resolve:

— Tá certo. Sem punição, mas ele vai fazer toda a cobertura de externas na Semana da Pátria.

Ora, o castigo foi uma vitória. Flávio Caetano foi comunicado à tarde e topou.

Onze e meia da noite lá está ele com o incansável técnico Pedro Rien esperando o Fogo Simbólico. Perfilados, comandantes militares, autoridades civis, religiosas e a briosa banda da BM. Flávio comanda não só a transmissão da emissora como também o serviço de alto-falantes montado no local. A banda da Brigada interpreta um, dois, três números, e nada do Fogo Simbólico chegar. Passa-se hora e meia e vem a informação que a viatura com a sagrada chama da Pátria atolara num lodaçal do Pulador. Resolvem começar os discursos sem chama mesmo. Acontece que em meio a tanta espera, quem assumiu um simbólico fogo foi o Caetano, de fugida em fugida ao Bar do seu Bernardino, bem ao lado do Altar da Pátria.

Às duas e quinze, dois reúnos do Exército chegam com a tocha. Caetano olha o relógio lembrando o Cabrito que o esperava na Zona, com festa das grandes.

Recomeçam os discursos enaltecendo o espírito cívico dos que aguentaram até aquele instante. No momento em que o Presidente da Liga de Defesa Nacional vai anunciar o antepenúltimo orador inscrito, Caetano não se contém e corta a cerimônia fazendo sua voz límpida e grave ecoar por todo o largo fronteiro, repleto de friolentos soldados, colegiais e freiras:

— E assim, encerramos nossa jornada radiofônica iniciada no dia 1.º de setembro de 1969 pois está todo mundo de escroto cheio. Adeus Pátria. Se te amei, foi por engano!

# O Dia em que Passo Fundo se Rebelou

---

O moço de olhos azuis e barbas ruivas como lenhador escandinavo encostou a moto, uma poderosa Honda 450cc ao lado do carro.

— Se vais para o centro, diga aos pés-de-porco que nós já vamos pra lá.

Era um fim de tarde enfumaçada no fevereiro, seis de 1979, o dia em que Passo Fundo se rebelou.

A morte de Clodoaldo Teixeira, 17 anos, atingido nas costas, na tarde anterior, pelo cabo PM José Walmor da Silva, revoltara a cidade. O garoto, funcionário da firma Equipagro, com sua moto, teria desrespeitado a sinaleira. Uma viatura da BM o perseguiu e o cabo assassino disparou diversas vezes até atingi-lo, matando-o instantaneamente. Não era o primeiro caso de violência num tempo de arbítrio e repressão. Até a Guarda Noturna atirava indiscriminadamente. Dois radialistas mortos em Passo Fundo no interior do edifício D. Guilherme, um jovem jogador de futebol em Marau e coisas semelhantes. A morte do motoqueiro-menino explodia velhos ressentimentos e mágoas.

Aquela multidão que se aglomerava junto ao cemitério da Vila Petrópolis, como o motoqueiro de barbas ruivas, depois de enterrar Clodoaldo, só pensava na confrontação com os brigadianos.

Minutos depois, centenas de motos circundavam os quarteirões centrais da cidade, isolados pela BM.

— É como o ronco de um jato — diziam os populares que aos milhares já se reuniam na Praça Mal. Floriano.

Organizados em colunas de quatro máquinas, os jovens tentavam entrar na área proibida mas eram barrados em todas as esquinas onde viaturas e brigadianos impediam a passagem.

Instantes mais tarde, começaria a mais incrível revolta popular que já ocorrera em Passo Fundo.

A noite havia sido tensa. Após o assassinato de Clodoaldo, no fim da tarde da segunda-feira, dia cinco, os motoqueiros e populares exaltados tomaram o centro.

No início da noite, uma nota oficial da BM sob a responsabilidade do Ten. Cel. Lucas Dutra, inocenta os assassinos dizendo que a bala ricochetou antes de atingir o menino. A eterna impunidade daqueles que deveriam zelar pela lei, leva ira à população. Agressões e ofensas são dirigidas em toda a cidade aos PMs que nada tinham a ver com o incidente. O policiamento da BM desaparece das ruas para evitar o pior até que o mesmo Ten. Cel. Lucas Dutra, comandante do CPA-3, Comando de Policiamento de Área — 3, resolvesse retomar o centro, pela madrugada ainda, depois que os populares haviam se dispersado, atendendo principalmente os apelos do major Isauro Piaguassu Pires Corrêa, comandante do 1.º/20.º RC do Exército que, sozinho e desarmado misturou-se à multidão convencendo os mais exaltados a se retirarem do centro. A postura corajosa e hábil desse oficial do Exército impediria também no dia seguinte consequências mais graves ainda.

Já nas primeiras horas da manhã da terça-feira, dia do enterro de Clodoaldo, o centro amanhecera tomado pelos soldados. As vaias da população se repetiam a cada carga de brigadianos que era despejada na zona central.

Provocações absurdas de lado a lado. Ainda de manhã, uma reunião de autoridades tentava evitar o pior que se anunciava para a tarde. Luccas Dutra foi categórico:

— A Brigada não é covarde e não retira o policiamento.

Pressões sobre a família de Clodoaldo cancelaram a missa de corpo presente que seria celebrada na Catedral. À tarde, 17 horas, sob lágrimas e emoção de uma cidade inteira, Clodoaldo foi colocado no carro fúnebre que rumou para o cemitério da Vila Petrópolis.

Um interminável cortejo de motos e automóveis atingiu a avenida Brasil, cruzou o passo e subiu lentamente a Lima Figueredo.

Quando a sepultura foi fechada, os motoqueiros desceram os capacetes como se máscaras fossem, retiraram apressadamente as placas que ainda identificavam suas motos e formaram o longo pelotão e que ensurdeceria o centro todo.

Auxiliadas pelos populares que forçavam de dentro para fora o cordão dos PMs, as primeiras motos romperam o cerco na esquina da Independência com a general Netto. Antes na esquina do correio, depois por entre a Praça Mal. Floriano para, finalmente tomar os canteiros da general Netto Na República dos Coqueiros estabeleceram seu QG.

Antes que a noite caísse, as primeiras e deploráveis cenas de ódio e de vingança eram observadas. Pedras, tijolos e pedaços de madeira voavam de todos os lados atingindo velhos e até estimados brigadianos que lá estavam como cobaias da inexperiência e irresponsabilidade de seus superiores. Uma por uma, em completa desvantagem contra a massa enfurecida, as viaturas abandonavam o centro, arrastando os soldados que nelas pudessem se agarrar. Demonstrando total despreparo, o comando da BM comete então o absurdo de concentrar as guarnições em retirada diante do quase desprotegido e burocrático quartel do CPA-3, na Av.

Brasil, entre a 15 de Novembro e a Teixeira Soares.

Em minutos, um grito se ouviu nos Coqueiros:

— Eles estão lá nos trilhos! — Alusão ao quartel do CPA, perto dos trilhos da Sete de Setembro.

As máquinas roncaram novamente e atrás delas milhares de populares se dirigiram aos gritos para o local. Ameaçada não só em sua integridade física mas também em sua obrigação de defender o quartel a qualquer preço, a assustada guarda disparou armas de vários calibres. Tiros de fuzis automáticos marcaram o muro do estacionamento do Supermercado e de vários prédios na parte fronteira. Os populares atiravam pedras das esquinas próximas até que mais dois jovens caíram mortalmente no local: o operário Adão Faustino de 19 anos aguardava o ônibus na parada e foi atingido no pescoço. Teve morte instantânea. Joceli Macedo de 17 anos, que participava das manifestações, foi alvejado nos rins e morreu dias depois no Hospital.

Longe de assustar os manifestantes, a fuzilaria indiscriminada os irritou ainda mais.

Já era noite quando, novamente, o major Isauro Piaguassu Pires Correa, à frente de um diminuto pelotão de soldados do Exército, usando um megafone, convenceu a multidão a levantar o cerco que fazia aos brigadianos entrincheirados no CPA-3.

Aquela noite soldados do exército tomaram o centro acalmando os ânimos.

O cabo José Walmor da Silva que matou Clodoaldo foi condenado anos depois mas o Ten. Cel. Lucas Dutra, responsável direto pelos episódios da terça-feira, nunca enfrentou o banco dos réus.

Restaram do fevereiro sangrento de 1979, tristes lições de arbitrio, violência e impunidade.